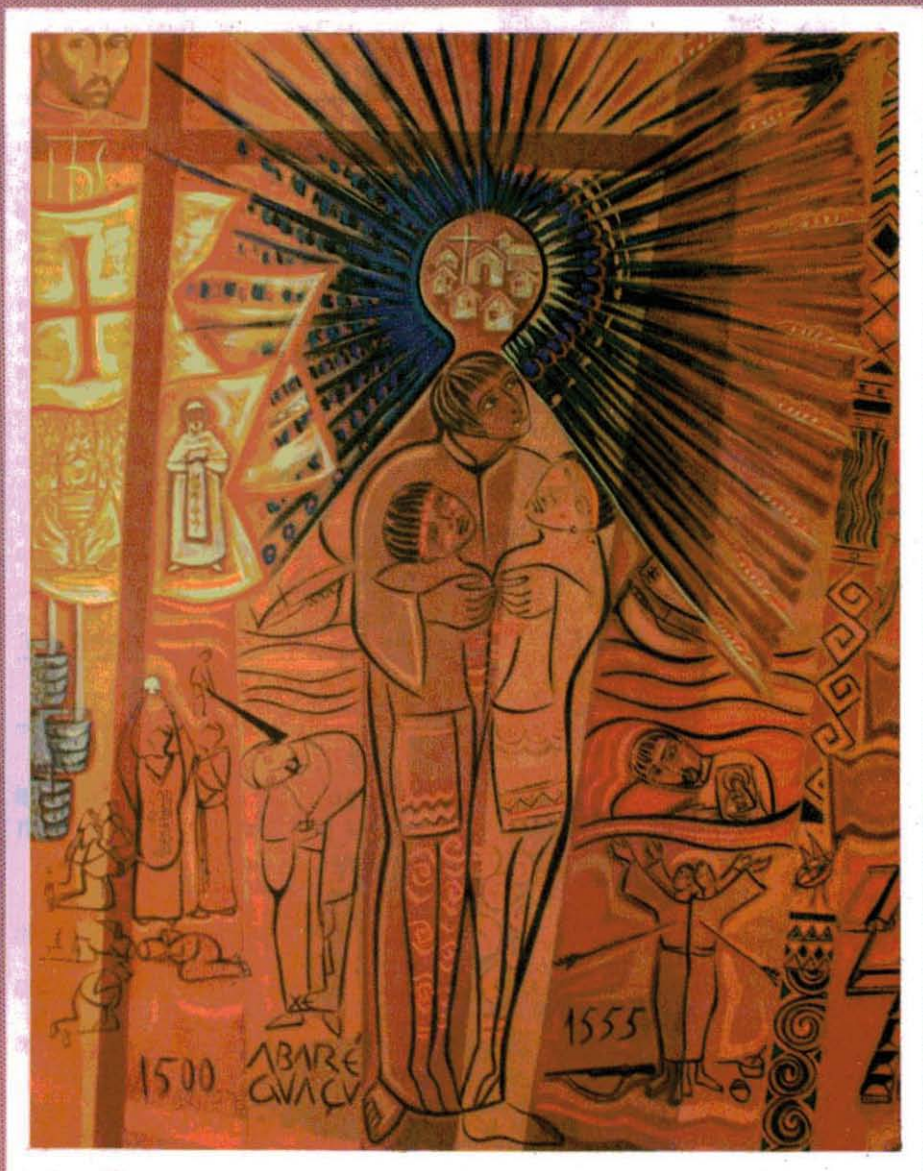


convergência

OUT — 1991 — ANO XXVI — Nº 246



- **A VIDA RELIGIOSA NA ENCÍCLICA MISSIONÁRIA DE JOÃO PAULO II** — Mons. Luis Augusto Castro Quiroga — página 458
- **INÁCIO DE LOYOLA, FUNDADOR E INOVADOR**
Pe. Paulo Lisboa, SJ — página 499

CONVERGÊNCIA

Revista da
Conferência
dos Religiosos
do Brasil: CRB



Diretor-Responsável:

Pe. Edênio Valle, SVD

Redator-Responsável:

Padre Marcos de Lima, SDB
(Reg. 12.679/78)

Equipe de Programação:

Pe. Atico Fassini, MS

Pe. Cleto Caliman, SDB

Jr. Delir Brunelli, CF

Jr. Maria Carmelita de Freitas, FI

Direção, Redação, Administração:

Rua Alcindo Guanabara, 24 — 4º / Cinelândia / Tel.: (021) 240-7299 / 20031 RIO DE JANEIRO - RJ.

Assinaturas para 1991

Brasil, taxa única:	
terrestre ou aérea.....	Cr\$ 4.600,00
Exterior: marítima.....	US\$ 38,00
aérea.....	US\$ 48,00
Número avulso.....	Cr\$ 460,00

Os artigos assinados são da responsabilidade pessoal de seus autores e não refletem necessariamente o pensamento da CRB como tal.

Composição: Linolivro S/C Ltda., Rua Dr. Odilon Benévolo, 189 — Benfica — 20911 Rio de Janeiro, RJ.

Fotocomposição: Estúdio VM — Composições Gráficas, Ltda., Rua Escobar, 75, s. 202 — São Cristóvão — 20940 Rio de Janeiro, RJ.

Impressão: Oficinas Gráficas da Editora Vozes Ltda., Rua Frei Luís, 100 — Centro — 25685 Petrópolis, RJ.

Nossa Capa

Detalhe do mural de Claudio Pastro 500 Anos de Evangelização do Brasil, em Vila Kostka, Itaici, SP. Eis como o descreve o Pe. J. Ramón F. de la Cigofia em seu livro 'Arte em Itaici': "No século XVI a figura-destaque é a do Pe. José de Anchieta (chega ao Brasil em 1553 e morre em 1597); abraçando, fraternalmente, a dois índios: Tibiricá e Caiubi, batizados pelos primeiros jesuítas. A Evangelização autêntica acolhe o diverso. Anchieta abraça os dois índios como abraçando todo o Brasil. A glorificação de Anchieta, simbolizada pelo cocar indígena e um aldeamento (fundação de São Paulo), é a causa do Índio. Três belos pássaros "guarás" são lembrados, pois a tradição diz que eles, com suas asas, faziam sombra ao grande missionário, quan-

do este caminhava pelas praias sob um sol escaldante. Embaixo aparece a Primeira Missa no Brasil com os franciscanos à sombra da grande cruz. Aliás, a Cruz é outro símbolo fundamental retomado pelo artista diversas vezes. Não esqueçamos que o Brasil é a "Terra de Santa Cruz". Perto aparece a figura do primeiro bispo do Brasil (diocese de Salvador) dom Pero Fernandes Sardinha, o "Xe Abaré Guaçu", que, em tupi, quer dizer "eu pai grande", isto é, bispo. O seu mandato foi muito curto. Pedido pelo Pe. Nóbrega ao Rei dom João III de Portugal, logo implicou com os métodos catequéticos dos jesuítas por serem muito adaptados à realidade concreta do índio. Ele achava que a catequese tinha de ser mais "européia". Quando voltava para Portugal sua nave naufragou e chegando à praia os índios o mataram com uma foice francesa e, depois, o devoraram. Na data de 1555 surgem os primeiros mártires do Brasil, dois irmãos jesuítas, Pero Corrêa, grande senhor e antigo escravagista de índios (convertido depois de ouvir um dos sermões do pobre Leonardo Nunes) e João de Souza, cozinheiro, que foram flechados. Acima aparece o martírio do Beato Inácio de Azevedo, segurando seu quadro da Virgem Maria, quando foi afogado no mar com mais 39 companheiros jesuítas em 1570, pelos huguenotes (calvinistas)".

Registro na Divisão de Censura e Diversões Públicas do D.P.F. sob o n.º 1.714-P.209/73.

SUMÁRIO

EDITORIAL.....	449
INFORME DA CRB.....	451
A VIDA RELIGIOSA NA ENCÍCLICA MISSIONÁRIA DE JOÃO PAULO II Mons. Luís Augusto Castro Quiroga....	458
A VIDA RELIGIOSA NA FRONTEIRA Jr. Maria do Rosário L. Cintra, FMA.....	470
IRMÃO VICENTE CAÑAS — KIUXI Pe. Bartolomeu Meliá, SJ.....	486
MADRE PAULINA, ENCARNAÇÃO DA FÉ DE UMA COLÔNIA DE IMIGRANTES Jr. Célia Cadorin, IIC.....	491
INÁCIO DE LOYOLA, FUNDADOR E INOVADOR Pe. Paulo Lisboa, SJ.....	499
ENCÍCLICA SOCIAL Pe. Martinho Lenz, SJ.....	510

EDITORIAL

MISSÃO — MISSÕES

Outubro é o mês das missões. Já no número precedente de *Convergência* abordamos o tema da missão, visando fazer chegar em tempo às mãos dos leitores o material de reflexão sobre a permanente validade e a urgência do mandato missionário. Neste número de outubro, no ano da promulgação da encíclica missionária de João Paulo II, é oportuno voltar ao assunto.

1. Apresentamos um artigo inicial de autoria de Mons. Luis Augusto C. Quiroga, presidente do Departamento de Missões do CELAM. O eixo de sua análise gira em torno do papel da Vida Religiosa na "Redemptoris Missio".

Seguem-se quatro perfis de missionários que viveram este apelo em condições e épocas muito distintas. Dois são de nossa época; dois de tempos já passados. Irmã Maria do Rosário, FMA, há muitos anos atuando apaixonadamente na **Pastoral do Menor**, em São Paulo, nos traz o depoimento de Religiosas(os) que se dedicam aos meninos e meninas lançados nas ruas e praças de nossas cidades. O conhecido Pe. Bartolomeu Meliá, SJ, esboça as grandes linhas da vida do **Irmão Vicente Cañas-Kiuxi**, missionário jesuíta assassinado há poucos anos atrás,

que deu sua vida pelos Índios ena-wené-nawé e Mynki.

As duas personalidades históricas aqui retratadas tiveram influência direta ou indireta na Vida Religiosa do Brasil. **Madre Paulina**, fundadora das Irmãs Irmãs da Imaculada, beatificada pelo Papa neste mês de outubro, é a primeira personalidade aqui delineada. O outro é um homem, fundador e inovador, figura marcante da história da missão, cuja genialidade deu novos rumos também, à Vida Religiosa e à espiritualidade missionária: **Inácio de Loyola**. A vida de Madre Paulina é traçada pela Irmã Célia Candorim, I.I.C; a do fundador dos jesuítas pelo Pe. Paulo Lisboa, SJ.

2. No capítulo 6 de sua encíclica, o Papa se dirige expressamente à Vida Religiosa. Partindo da premissa de que "não existe testemunho sem testemunhas, como não há missão sem missionários", ele se volta tanto aos **Institutos formalmente "ad gentes"**, confirmando-os em sua "vocação especial" (n.º 65), quanto a todos os Religiosos e Religiosas, uma vez que todos eles "por força de sua consagração, ficam obrigados a prestar seu serviço especialmente na ação missionária, dentro do estilo próprio de cada instituto".

(n.º 69). Aos **Institutos de vida contemplativa** ele exorta a fundarem casas nas jovens Igrejas para prestarem "entre os não-cristãos um magnífico testemunho da majestade e caridade de Deus". Aos **Institutos de vida ativa** ele aponta "os espaços imensos da caridade, do anúncio evangélico, da educação cristã, da cultura e da solidariedade com os pobres, os discriminados, os marginalizados e os oprimidos" (n.º 69). Acrescenta, expressamente, que tais Ins-

titutos, "tendem ou não para um fim estritamente missionário, devem-se se interrogar sobre possibilidade e disponibilidade de alargar a própria ação, para expandir o Reino de Deus (ibd.)

Graças a Deus os Religiosos e Religiosas do Brasil estão correspondendo a este apelo da Igreja e dos povos, no sentido de um compromisso efetivo com a causa fundamental da missão.

Pe. Edenio Valle, SVD
Presidente Nacional da CRB

PÉ DE PÁGINA

Pe. Marcos de Lima, SDB

— *'É verdadeira a frase: Rezam e não mudam'?*

O português não é o melhor. Talvez mais correto fosse: Rezam e não se mudam. Mas tomando a interrogação na sua originalidade, diria: Depende. E me explico: Se 'rezam' significar repetir, mecânica e automaticamente, fórmulas estereotipadas de oração, a resposta será SIM. Como mecanismo, tal oração funciona por algum tempo, mas não resistirá aos desafios. Se, porém, 'rezam' significar, como é da essência da oração, docilidade fiel em cumprir o que Deus fala a quem ora, a resposta será NÃO. Quando se põe em prática o que Deus fala na oração, ninguém será o mesmo depois que rezou.

— *'A oração, de fato, nos compromete com a vida'?*

SIM. Toda oração autêntica compromete a vida. Comprometer a vida significa: obrigar a vida a se adaptar ao que se reza, isto é, ao que se fala a Deus e ao que se ouve de Deus na oração. Comprometer a vida significa também: dar a vida como garantia de lealdade ao que se fala a Deus na oração. Comprometer a vida significa ainda: pôr a vida em situação suspeita se ela (a vida) não se conformar à oração, àquilo que se fala a Deus e dele se ouve. Na ordem espiritual, é sempre um desastre representar e não ser. Falar e não viver.

I N F O R M E

CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL

SEMINÁRIO NACIONAL DE SAÚDE

Nos dias 21 a 26 de junho de 1991, realizou-se um Seminário Nacional de Saúde em Cachoeira do Campo (MG), promovido pela CRB (através do grupo de Reflexão da Saúde GRS) e pela CNBB (através da Coordenação da Pastoral da Saúde). Reuniram-se 111 religiosos e leigos de todo o Brasil para refletir sobre os aspectos práticos e teóricos da Saúde Comunitária e sobre a dimensão teológica e pastoral da Saúde Comunitária à luz da nova evangelização.

Vivemos numa realidade de Brasil onde a doença é um fenômeno social, resultante de uma urbanização anárquica, provocada pela migração do campo para a cidade, responsável por uma crise social sem precedentes neste país. Esse fenômeno tem como pano de fundo um modelo econômico exportador de riquezas e concentrador de terras, de bens de produção e de renda, sustentado por um Estado autocrático e tecnocrático, preocupado com o crescimento econômico e não com o desenvolvimento sócio-político-econômico do país. Frente a esta situação, os objetivos do Seminário foram: trocar experiências e material que ajudem na caminhada da Saúde Comunitária; analisar as práticas e a com-

preensão da Saúde Comunitária; aprofundar a mística que sustenta os agentes no seu compromisso na área da Saúde; celebrar as conquistas, dificuldades e desafios da caminhada e programar linhas gerais de atuação.

Como de praxe, o nosso método de trabalho foi VER-JULGAR-AGIR.

1. VER

A partir das experiências apresentadas e da prática e vivência pessoal, Celerino Carriconde e Diana Mores (Recife) elaboraram a síntese dos seus trabalhos: a Atenção Primária em Saúde (APS). Para entender o alcance da APS, é bom historiar ALMA ATA: é um lugar na União Soviética onde a OMS e a UNICEF promoveram uma reunião em setembro de 1978, na qual participaram 134 países, com exceção do Brasil. Um dos pontos mais importantes foi o da revisão do conceito de saúde proposto na reunião em 1948: "Saúde é o bem estar físico, mental e social e não a ausência de doenças". O que ficou evidente para a quase unanimidade dos participantes da reunião de Alma Ata, é que para haver bem-estar físico, mental e social, são necessários oito pontos fundamentais: terra, trabalho, educação, casa própria, alimentação, lazer, transporte e participação no poder de decisão.

Como se sabe, hoje os maiores obstáculos para alcançar a "Saúde para todos" não são técnicos, mas sociais e políticos. Fome e doença, ao contrário do que se pensava, não são o resultado da falta de recursos ou superpopulação, mas da má distribuição de terras, recursos e poder. Os recursos econômicos existem. Infelizmente, o controle desses recursos está nas mãos de líderes cuja prioridade nem sempre é o bem-estar do povo mas continuar no poder.

Na Atenção Primária em Saúde, a cura é um meio (necessidade sentida pelo povo); o fundamental é a criação de uma consciência crítica sobre as relações de causa-efeito das doenças em suas dimensões bio-psíquico-social. Esta consciência crítica terá que desembocar numa tomada de decisão de cada pessoa e na necessidade de organização das pessoas — Comunidade, que por sua vez irá se mobilizar para barganhar junto ao Estado aquilo que falta para vir a ter VIDA/SAÚDE. Este processo é difícil, é como um parto que acaba sempre no nascimento de uma nova vida.

2. JULGAR

Num segundo momento, o Frei Luiz Augusto de Mattos (S.P.) nos levou a refletir sobre o enfoque ético-teológico no campo da Atenção Primária: Como concretizar o Reino de Deus hoje? Nosso projeto maior é o novo ser humano, uma nova sociedade sinal do Reino. Nós, agentes de vida, queremos saúde integral e comunitária para todos. Para que isso aconteça, precisamos refletir como colocar em prática o Poder como Serviço. Esse poder-serviço se concretiza no projeto democrá-

tico que tem como princípios: Igualdade, solidariedade, participação, liberdade, fraternidade. Os meios ou as mediações para a vivência deste projeto político passam pela ideologia entendida como força que faz garantir o rumo, pela teoria que é aprofundar o que se faz, e pelas práticas: o que leio? o que me alimenta? quais os conflitos que assumo? Precisamos colaborar na construção de uma sociedade que promove a vida. De fato, a vontade de Deus é que não aconteça violação "no Corpo". Daí a importância em assumir profeticamente a justiça social, o projeto democrático. Como formas de concretizar o Reino hoje, o Frei Luiz apontou:

- a organização popular solidária
- a integração das frentes autênticas no processo libertário
- a construção do novo: projeto político — poder popular.

3. AGIR

Foram votados por unanimidade, os princípios de ação a seguir:

- Formação pessoal e Comunitária, a partir da mística cristã, da cultura popular e do processo participativo, tendo como meta a promoção de saúde integral do povo.
- Articulação com as forças transformadoras da sociedade através da dinâmica libertadora lembrando o serviço, a educação, a organização e a mobilização para a construção do poder popular democrático.
- Integração entre CRB e CNBB pelo apoio e diálogo, tendo em vista o compromisso com a Saúde Comunitária como serviço ao REINO DE DEUS.

Foram também colocadas propostas de ação em nível nacional:

— A coordenação da Pastoral da Saúde da CNBB assessorar os Regionais na sua organização.

— Haja um novo seminário (daqui a 2 anos) onde sejam tratados também: as culturas, a conjuntura política e eclesial, e uma avaliação da caminhada.

Foram elaboradas propostas de ação em nível regional ou estadual.

Essas propostas serão analisadas nas bases para ver a viabilidade.

Finalizando, nossa presença num Seminário como este é um sinal do Reino de Deus. Saímos com mais força, mais fé e mais esperança porque entendemos que a Construção do Reino de Deus passa pelo conflito. O julgar nos mostrou a importância de cultivar a mística de conflito, tendo como ideal a nova sociedade, o Reino de Deus.

Pe. Christian P. de Barchifontaine
Coordenador Nacional da Pastoral da Saúde (CNBB) e Membro do GRS Nacional (CRB)

CARTA DA NOVA PRESIDÊNCIA DA CLAR

Que nosso primeiro contato com Vocês seja uma saudação de fraternidade e esperança. Agradecemos sua manifestação de acolhimento e sua disposição para um trabalho unido em prol da Vida Religiosa.

Reunidos em Bogotá, nos dias 2, 3 e 4 de julho, desejamos expressar-lhes nossa firme vontade de comunhão eclesial, de estreita colaboração com

as Conferências Nacionais e de leal serviço a nossos irmãos e irmãs religiosos da América Latina.

Assumimos esta missão a nós confiada pela Santa Sé com espírito de fé e docilidade ao Espírito Santo que conduz sua Igreja servindo-se de instrumentos limitados e seguindo por caminhos imprevisíveis.

Muito nos animou nesta tarefa a presença de Mons. Heitor López Hurtado, cuja função na CLAR, além da de Delegado Pontifício, é, antes de tudo, a de acompanhamento fraterno.

Queremos agradecer o apoio e oração, o apreço e a proximidade que nos manifestaram várias Conferências Nacionais e numerosos religiosos e religiosas, neste momento particularmente importante para a CLAR.

Agradecemos aos nossos irmãos e irmãs que nos precederam na Presidência cessante, especialmente ao Pe. Luis Cósca e ao Pe. Jorge Jiménez, por seu compromisso com a Vida Religiosa e seu serviço à CLAR.

Que Jesus, o Senhor, a quem queremos seguir e que nos enviou em sua Igreja, abençoe todo o esforço que juntos, Conferências Nacionais e Presidência da CLAR, faremos em favor da promoção e animação da Vida Religiosa na América Latina.

Ficando a seu inteiro dispor, saudamos a todos afetuosamente,

P. Benito Blanco, SJ
Presidente

Ir. Elza Ribeiro, P. Gap
Vice-Presidente

Ir. Artur Chaves, FMS
Vice-Presidente

CLAR: ALGUMAS LIÇÕES PARA A IGREJA E A VIDA RELIGIOSA

Tendo vivido por dentro, como um dos Vice-Presidentes nos três últimos anos, esta enorme crise, junto com os coirmãos da Presidência da CLAR chegamos a tirar algumas lições. Parece-me útil transcrevê-las aqui:

1. O CONTEXTO DO MUNDO EM CRISE

O conflito vivido pela CLAR está num contexto bem mais amplo, o de uma Igreja em crise num **mundo em crise**, no qual tudo é questionado. A Igreja Católica, que no Concílio resolveu reconhecer a cidadania das coisas temporais, do mundo, e com o mundo quis dialogar respeitando sua identidade, ainda não conseguiu situar-se diante da complexidade do mundo contemporâneo. Tendo impulsionado seus membros para "estar no mundo, sem ser do mundo", assusta-se com uma parcela significativa deles, os religiosos, que por carisma optam pelos explorados, e esmagados pelo mundo. O medo de um domínio da força ideológica, principalmente do marxismo, tomou conta de um grupo dentro da Igreja, que passou a perseguir incansavelmente a chamada "opção preferencial pelos pobres", feita principalmente pela Vida Religiosa.

Por detrás de todo este conflito estão, na verdade, diversos modos de ver e analisar o mundo contemporâneo e

nele situar-se a partir da fé. E é impossível fazê-lo sem colocar-se num determinado ponto de vista, vislumbrar um objetivo e ter um olhar apreciativo das mediações. Existem hoje na Igreja visões diferentes do mundo, mas que ao invés de se colocarem em diálogo, se rivalizam e se excluem mutuamente, com o risco de imposição de uma visão, a partir da força, via poder sagrado, como aliás está acontecendo.

2. O CONTEXTO DA IGREJA EM CRISE

Além do problema do relacionamento Igreja-Mundo, a partir da percepção que ela tem do mundo, a Igreja vive uma outra problemática séria e que se refere à percepção que ela tem de si mesma no confronto com suas fontes bíblicas, com a história e o mundo de hoje. Perpassa a Igreja, já desde antes do Concílio Vaticano II, uma forte **crise de identidade**, que, pelo visto, não será tão facilmente resolvida ainda por muitos anos. Os conflitos internos com base em diversos enfoques sobre assuntos fundamentais como a Bíblia, Cristologia, Ecclesiologia, Pneumatologia etc., e que tem a ver com a razão mesma da Igreja em si, agravam ainda mais a difícil questão da relação Igreja-mundo. Neste contexto interno a CLAR se situa, com um bom número de leigos e de membros da hierarquia, no horizonte da encarnação-inculturação-inserção, a partir de uma compreensão específica da Revelação Bíblica, de Jesus Cristo, de Igreja, de Espírito Santo etc., no meio do mundo e, nele, entre os mais pobres, abandonados e perseguidos pelos poderosos, num compromisso de salvação que envolve, além da libertação do pecado pessoal, a libertação do pecado social,

estrutural. Um dado muito específico deste horizonte se refere à delicada questão da "autoridade-poder" dentro da Igreja e à comunhão de carismas e ministérios. Simplificando um pouco, assistimos hoje a um confronto entre uma Eclesiologia "piramidal" de poder-autoridade, de visão clericalista, hierárquica e intimista da Igreja, com uma Eclesiologia "comunitária" de comunhão-participação, dialógica, de promoção de dons, carismas e ministérios, Igreja de pobres, comprometida com a construção do Reino a partir da situação concreta do estabelecimento da justiça e da fraternidade neste mundo, como sinal e sacramento da plenitude do Reino na Escatologia.

3. O CONTEXTO DA VIDA RELIGIOSA EM CRISE

Neste contexto de crise tanto na "ecclesia ad intra" como na "ecclesia ad extra", se situam a Vida Religiosa e os conflitos vividos pela CLAR. Há um modelo de Vida Religiosa construído e consolidado dentro de um modelo de Eclesiologia ao longo da História e que em grande parte, sobretudo na América Latina, está sendo reformulado face às exigências da realidade latino-americana de extrema pobreza e injustiça e às exigências de uma eclesiologia de comunhão-participação. É óbvio então o conflito com o modelo tradicional e a eclesiologia "piramidal".

É preciso ainda dizer que hoje não é mais tão claro como antes, o lugar da Vida Religiosa no corpo eclesial. Cada vez é mais aguda a consciência a respeito do caráter laical da Vida Religiosa. E, dentro do laicato, que o Concílio quis promover na Igreja, a Vida Religiosa passou a se constituir em uma categoria ativa, dinâmica, pen-

sante e eficazmente comprometida na ação pastoral direta e muito diversificada, em campos avançados e de risco. Uma certa liberdade própria da estrutura da Vida Religiosa coloca a religiosa e o religioso em lugares e situações onde a maioria dos sacerdotes e agentes de Pastoral não conseguem ir, tão facilmente. A formação inicial e permanente de Religiosos garantida tanto pelas Congregações como pelas Conferências Nacionais de Religiosos e pela CLAR, colocam mais e mais religiosas e religiosos em vantagem para a Pastoral e isso, às vezes, cria problemas com vigários, bispos e leigos. Por outro lado, para muitas Igrejas Particulares o conflito tem outra conotação: o religioso(a) é visto, prioritariamente, como Agente de Pastoral, aliás, bem preparado, em geral, e não tão oneroso(a) para a Diocese ou Paróquia, pois a Congregação lhe garante o necessário. A dificuldade está numa certa supradiocesania da Vida Religiosa e na liberdade de os Superiores facilmente transferirem esta importante mão de obra da pastoral. Aqui se situa, também, sem dúvida, uma causa séria dos conflitos com a hierarquia. O curioso é que há menos conflito com certos movimentos (de leigos ou de religiosos) supradiocesanos, autônomos, quase independentes dos Bispos, porque não incluem em sua reflexão e ação a dimensão da justiça, da opção pelos pobres e da mudança social. Fala-se facilmente em "não comunhão com a hierarquia", em "rebelião", para os grupos (de religiosos, de leigos, de sacerdotes) que colocam ênfase na opção pelos pobres e na justiça social. Neste caso a chamada "Vida Religiosa Inserida no meio dos pobres", as CEBs, os Círculos Bíblicos,

as Pastorais Sociais em geral são literalmente incompreendidas e perseguidas. A leviandade com que, em vários países da América Latina, alguns pastores acusam de comunistas a certos fiéis (leigos, religiosos, sacerdotes, irmãos no episcopado) é o aval autorizado para que sejam perseguidos e mortos por extremistas de direita ou militares, que se julgam defensores da fé cristã, eliminando para o "bem" da Igreja e da Pátria os condenados à morte pela denúncia da autoridade eclesial. Acontece, na verdade, que uma porcentagem realmente significativa de religiosos(as) que estão comprometidos com a opção pelos pobres, com a justiça social estão, globalmente, sob ameaça de morte por este fato e pelos conflitos criados com eles por alguns pastores e líderes religiosos que não concordam com um compromisso evangélico e cunho mais social.

4. O CONTEXTO DOS CONFLITOS INTERNOS NA VIDA RELIGIOSA

Internamente, no mundo específico da Vida Religiosa, há transformações sérias que geram conflitos entre os próprios religiosos. Não é preciso aqui voltar a falar sobre os modelos históricos de estruturação da Vida Religiosa ("fuga mundi", conventos, hábitos, horários, clausura etc.) e os modelos contemporâneos (casas simples no meio do povo, relatividade quanto ao hábito, comunidade aberta, oração interagindo fé e vida, abertura para o trabalho e a política).

Há caminhos completamente novos para a vivência dos votos religiosos. A **pobreza**, como engajamento direto com a vida e a causa dos empobrecidos, vivendo o mais possível como os pobres, participando de suas experiên-

cias e reivindicações, amparo, socorro, comunidade, disponibilidade, doação de si ao povo (pessoa, tempo, dons, energias, afeto) e, sobretudo, à parte mais sofrida do povo. **Obediência** como capacidade de escuta, confronto entre vida e Palavra de Deus, no esforço contínuo para ajustar a vida com o que Deus manifesta, diálogo com os Superiores e a Comunidade para discernir os passos a dar. O **relacionamento fraterno** substitui (e com imensas vantagens para os religiosos, a Igreja e o mundo) a ruptura na relação entre mulher e homem no contexto da comunidade religiosa, da pastoral e da profissão. A entrada dos religiosos no mundo comum do trabalho remunerado deu à Vida Religiosa uma sensibilidade nova a respeito da justiça social, enriquecida por uma consciência e participação maiores no mundo da política, um maior relacionamento, no dia-a-dia, com pessoas concretas, homens e mulheres, crianças, jovens e velhos e uma percepção maior da complexidade das relações humanas na sociedade e da dureza da luta pela vida. Tudo isso, evidentemente, dá uma nova visão para o(a) religioso(a) contemporâneo e, facilmente, um dos resultados no interior da comunidade religiosa, é um determinado tipo de conflito situado no contexto do conflito de gerações e de mentalidades.

5. E O FUTURO DA CLAR?

A CLAR é uma instituição-serviço. Durante 32 anos prestou, com crescente liderança, uma inestimável ajuda à Vida Religiosa, na América Latina e alhures. Como instituição é passível de revisão, melhorias, aperfeiçoamento; caso contrário, esclerosa e torna-se prejudicial. Ela corre o risco de ir além

de seus limites, já que tem o privilégio de contar com elementos que lhe facilitam a missão, pois trata-se de um pessoal com características únicas no corpo eclesial e social, por sua disponibilidade a toda prova, preparação e organização.

Na lógica da história da instituição hierárquica da Igreja Católica, não foi nada difícil para alguns pastores levantarem suspeitas e depois chegarem a acusações e finalmente a drásticas medidas em relação à CLAR. E, também, dentro da mesma lógica, pareceu normal à hierarquia passar por cima de Direitos Humanos elementares, dos Estatutos da entidade e mesmo do Direito Canônico, assim como de fundamentais prescrições bíblicas sobre justiça e caridade, e sobre a sensibilidade humana para, tranqüilamente, tomar as medidas que foram tomadas. Por sua vez, na lógica da história da Vida Religiosa, não podia ter acontecido atitude diferente do que a tomada pela Presidência da CLAR e pela Vida Religiosa na América Latina: a obediência profética e messiânica. Todos os profetas e mesmo Maria não aceitaram a tal de "obediência cega" (que por descuido entrou na Igreja como instrumento de dominação e mutilação do ser humano). Maria, antes de seu SIM (FIAT), perguntou, questionou, quis saber... O próprio Jesus "aprendeu a obedecer" e até no momento decisivo reagiu: "Pai, se queres, afasta de mim este cálice. Contudo não se faça a minha vontade, mas a tua" (Lc 22,42). Como bem o sabemos, não foram poucos os(as) fundadores(as) de Congregações que tiveram fortes atritos com membros da hierarquia, denunciando o "abuso do poder sagrado, da função hierárquica, da sede de dominação".

A CLAR desde 1989 está sob vigilância cerrada das autoridades eclesásticas. Agora, a partir da Assembléia Geral de 1991 (19-28 de fevereiro), no México, está sob a vigilância ainda mais plena. A Sé Apostólica nomeou um Bispo, com tempo integral, junto à Presidência da CLAR, para, segundo as funções elencadas no Decreto, controlá-la. A nova Presidência da CLAR, evidentemente, deve trabalhar neste contexto, constrangida diante do mundo, da Igreja e da Vida Religiosa, porque, por mais que a Sé Apostólica não aceite o termo, está "sob intervenção". Com isso, é lógico, acaba um modelo de Confederação Latino-Americana de Religiosos(as) que durou 32 anos. Está nascendo uma CLAR diferente, que a Sé apostólica quer mais afinada com uma eclesiologia de cunho piramidal, hierarquizado, de submissão e intimista, já que o modelo de CLAR de eclesiologia de "comunhão-participação-sensível ao mundo e ao pobre" deu margem a suspeitas e acusações, conflitos e tensões.

O que se percebe, porém, é que a Vida Religiosa como tal, que viveu com seriedade a caminhada da CLAR, e, mais ainda, forneceu os elementos da caminhada da CLAR, continuará o seu processo de encarnação-inculturação na América Latina. E isso porque está lendo, à luz do carisma da Vida Religiosa, que o conflito da CLAR é apenas a confirmação, pela cruz, da verdade do rumo tomado e porque está aproveitando as lições do conflito para consolidar bíblica, teológica e espiritualmente as opções assumidas.

Ir. Israel José Nery, FSC
ex-Vice-Presidente da CLAR

A VIDA RELIGIOSA NA ENCÍCLICA MISSIONÁRIA DE JOÃO PAULO II

*Se a Igreja local é o sujeito da missão,
por que continuar falando
de Institutos missionários específicos?
Não terá chegado a hora de seu desaparecimento?*

Mons. Luis Augusto Castro Quiroga

1. O CONTEXTO HISTÓRICO

A "Redemptoris Missio" (R.M.) quer ser uma resposta a um fenómeno histórico bem concreto: "a missão específica" ad gentes "parece estar numa fase de afrouxamento, contra todas as indicações do Concílio e do Magistério posterior. Dificuldades internas e externas enfraqueceram o dinamismo missionário da Igreja ao serviço dos não-cristãos: isto é um fato que deve preocupar a todos os que crêem em Cristo. Na história da Igreja, com efeito, o impulso missionário sempre foi um sinal de vitalidade, assim como a sua diminuição constitui um sinal de crise de fé" (R.M. 2). Ao longo de toda esta história missionária a Vida Religiosa (V.R.) desempenhou um papel de primeira ordem.

Um breve olhar sobre a história das missões, como premissa para a compreensão da Encíclica, os ajudará a captar a preocupação do Santo Padre e seu desejo de dar um renovado impulso à causa da missão, para um novo advento missionário, como os que já houve antes no passado.

1.1. A missão desde o padroado

As descobertas realizadas durante o século XVI pelas potências ibéricas, marcaram o início do grande movimento missionário dos séculos XVI e XVII. A estas potências foi concebido o direito do padroado, com a obrigação de missionar. Tal direito supunha o completo controle da Igreja missionária nas colônias. Espanha e Portugal detinham, assim, uma posição quase papal em relação às missões (1).

As grandes Ordens, como a dos Franciscanos e Dominicanos, dependiam do Estado para realizar a missão (2).

Na Europa os conventos se despovoaram; seus moradores atravessaram os mares, com extraordinário zelo e entrega, para se dedicarem à atividade missionária (3).

A Cúria Romana, por seu lado, negou-se a aprovar uma atividade missionária pensada pelos Estados desde sua instrumentação a serviço de colonialismo.

1.2. Passos para a superação

Por esta razão, após numerosas tentativas fracassadas, Gregório XV criou, em 1622, a Congregação para Propagação da Fé, usualmente chamada de Propaganda. Seu primeiro Secretário, Francisco Ingoli, fixou suas tarefas, que permanecem até hoje. Entre elas convém ressaltar a liberdade da Igreja em relação à influência civil, a criação de um clero indígena e a estruturação de uma Igreja enraizada no povo (4).

A ação da Propaganda foi muito difícil nos territórios dependentes da Espanha. No âmbito do padroado português o foi um pouco menos. Acontecia que, em certas circunstâncias, as forças missionárias se alinhavam em dois grupos distintos e, às vezes, hostis entre si: o dos missionários que dependiam do padroado, de um lado, e os dependentes da Propaganda, do outro.

Os missionários espanhóis e portugueses, sendo súditos de suas respectivas coroas, não podiam por-se a serviço da Propaganda da Fé. Esta teve, assim, que recorrer a missionários franceses. Dispuseram-se a tal os Capuchinhos, os Carmelitas, os Vicentinos, os Franciscanos recoletos franceses e outros.

Como se vê, o peso maior, nos dois fronts, foi o das Congregações Religiosas. No entanto, não faltaram outras forças como o demonstra, entre outras, o Seminário de Paris para as Missões.

Também na nossa América Latina a contribuição maior foi dada pelas Congregações (Franciscanos, Dominicanos, Jesuítas, Mercedárias, Agostinianos, etc.). Contudo, na medida em que foi surgindo no âmbito missionário o clero secular, este começou a fazer pressão sobre as chamadas "doutrinas", para tomar posse delas, tornando-as paróquias. Neste sentido, há a orientação implementada pelo Bispo de Puebla, João de Palafox. Neste processo de transferência pastoral dos religiosos aos seculares não faltaram contra-posições e choques.

Pode-se afirmar que, apesar de inconvenientes, tensões e erros, estes primeiros 300 anos foram de sacrifício, de duro trabalho e de entrega total, como a história missionária o confirma, até o século XVIII.

1.3. Decadência

Por influência de múltiplos e distintos fatores, no fim deste período,

o ardor missionário acabou-se debilitando. Assim, em inícios do século XIX, a Igreja missionária achava-se em uma crise sem precedentes.

Foram vários os fatores que contribuíram para tanto: “a queda dos impérios coloniais português e espanhol, a revolução francesa com sua repercussão intraclesial, as reações nacionalistas na China e Indochina. Outra importante razão foi o Iluminismo, com sua inimizade em relação às Ordens e Congregações religiosas, que durou até meados do século XIX, na Espanha e Portugal. A suspensão dos Jesuítas produziu a diminuição do pessoal missionário. Não só; também outras Ordens se viram constrangidas a enviar cada vez menos missionários”. Desde o momento em que as tropas revolucionárias ocuparam Roma (1748), também a central missionária pontifícia, a Congregação para a Propaganda da Fé, se enfraqueceu.

Napoleão ordenou, em 1808, a transladação do arquivo da Congregação para Paris e planejou estabelecer a central das missões nesta cidade (6).

1.4. A reação

O que parecia ser o prenúncio de um século de raquitismo missionário, acabou se tornando ocasião para uma formidável reação. A espiritualidade missionária, não a teologia, entusiasmou a Europa (7). Numerosas Congregações se revitalizaram. Muitas outras foram fundadas. A Propaganda recuperou seus arquivos e conseguiu uma atuação renovada.

Claro que também então não faltavam problemas. A missão (em elevadíssima porcentagem européia) adquiriu características muito especiais ao se deixar condicionar demasiadamente pelo empreendimento colonialista. O missionário, filho de uma Europa que se sentia enviada — mesmo sem o desejar — era representante desta colonização européia, considerada superior, e estava, além disto, convencido dos valores de seu próprio país.

Ao papa Bento XV coube fixar os princípios da missão moderna, ao estabelecer claramente a separação entre colonialismo e missão. A encíclica “Redemptoris Missio” traz uma citação da carta apostólica “Maximum Illud”, na qual aquele Papa “admoestava os missionários de seu tempo a que nunca esquecessem sua dignidade, para não pensarem mais na pátria terrena que na do céu” (R.M. 39). Bento XV insistiu, além disto, na estruturação de uma Igreja indígena com seu próprio clero local.

A reação foi algo, sob vários ângulos, admirável:

— surgiram as futuras Pontifícias Obras Missionárias: Propagação da Fé (Lyon 1822); Santa Infância (França 1843); São Pedro Apóstolo (Caen 1889); União Missionária (Parma 1916);

— floresceram novos e maravilhosos Institutos e Congregações para a missão, apoiados pelas comunidades cristãs e, especialmente, as

Congregações femininas se lançaram maciçamente na missão;

— a Propaganda conseguiu Comunidades Religiosas que passaram a depender inteiramente dela. Decidiu, além disto, que determinadas regiões de missão fossem entregues exclusivamente a uma dada Ordem ou Congregação ("Ius Commissionis").

Esta reação positiva, no entanto, não eliminou a frezada sofrida pela missão durante aquele século. No caso da América Latina o freio provinha das revoluções pela independência. O trabalho entre os indígenas desmoronou por completo. A partir de 1860 a missão foi reiniciada, mas foi feita sob o signo da pacificação e da integração, por imperativo do Estado (8).

De todas as maneiras a América Latina não passava de um continente puramente receptor do esforço missionário das demais, situação que irá perdurar quase até a reunião do CELAM, em Puebla, no ano de 1978. (9).

1.5. O impulso teológico do Vaticano II

Os anseios externados pela "Maximum Illud" e outros documentos não lograram êxito devido à defasagem tão grande entre a teologia pensada e a teologia vivida. As formulações teológicas eram muito insuficientes em relação às exigências da missão real. Esta brecha foi acumulada muito bem pelo Concílio

Ecumênico Vaticano II, o Concílio da Igreja local.

As mudanças por ele introduzidas foram significativas. Algumas foram geradas de maneira profética e criativa; outras foram fatigosas e tiveram difícil acolhida. No que respeita à missão "ad gentes" acentuamos os seguintes temas que, de alguma forma, são retomados pela encíclica R.M.:

— Mudança da união conduzida por institutos à missão sob a responsabilidade da Igreja local; toda ela missionária e sujeito primário da missão. A Igreja local assumia, assim, em primeira pessoa, a responsabilidade pela atividade missionária;

— de uma missão em função da Igreja a uma missão em função também do Reino. A Igreja como fim último da atividade missionária deixa espaço ao Reino, fim último a cujo serviço eficaz e humilde a Igreja se destina;

— de uma missão que apenas dá a uma missão concebida como intercâmbio, como dar e receber. A atividade missionária passa a implicar não só a evangelização como também o ser evangelizado;

— de uma missão centrada na hierarquia a uma missão que corresponde a todo o Povo de Deus;

— de uma missão entendida geograficamente (países de missão e países missionários) a uma missão entendida mais como orientação a uma situação humana especial;

— de uma missão na qual a ação tem o primado a outra fortemente centrada na contemplação.

Estes passos exemplificam bem a renovação em marcha na missão. Não faltam, contudo, os que exageram indevidamente e querem transformar o que se deve ver como uma novidade na fidelidade em uma novidade na ruptura. Com exemplo pode-se recordar a passagem da missão confiada a institutos missionários à conduzida pela Igreja local. Não faltaram pessoas exageradas, às vezes apoiadas por suas Igrejas locais, que declaravam inúteis e superados os Institutos, uma vez que, agora, a Igreja local — como se os Institutos não fizessem parte dela — se encarregariam de toda a atividade missionária.

Também a ênfase mais no Reino do que na Igreja, com a finalidade de se evitar o chamado eclesiocentrismo, não significa eliminar a Igreja para se considerar só o Reino como se fosse uma grandeza diferente e separada dela.

Desvios, exageros, erros e recusas geraram desalento e crises vocacionais. Daí a necessidade do pronunciamento do Papa através da R.M.; pedido por muitos, especialmente pelos próprios missionários e pelos religiosos comprometidos com a missão.

2. QUESTIONAMENTO

Como se observou acima, os anos do pós-Concílio foram de grande

ebulição no mundo missionário, mais, talvez, no aspecto teórico que no prático. Podemos levantar alguns dos questionamentos de tipo teológico formulados neste período:

— Se a Igreja local com seu Bispo, como cabeça, é o sujeito primário (no sentido existencial, não ontológico) da missão e, em consequência, é quem a coordena e organiza, para que continuar com esta outra realidade chamada “Propaganda Fide”?

— Se a Igreja local é o sujeito da missão, porque continuar falando de Institutos missionários específicos? Não terá chegado a hora de seu desaparecimento?

— Quando a Igreja local envia missionários ela faz em relação a outra Igreja jovem; então, porque falar de missão “ad gentes”, termo historicamente tão revestido de carga negativa? O novo nome da missão deveria ser o de intercâmbio entre Igrejas.

— Se as jovens Igrejas locais ainda se debatem com tantos problemas, não seria mais oportuno que o primeiro os resolvesse, antes de pretender evangelizar “ad extra”? Se a missão se realiza hoje em todas as partes, nos seis continentes, e se todos somos missionários, para que prosseguir com o fomento das vocações missionárias específicas “ad vitam”?

A tais perguntas poderíamos acrescentar inúmeras outras relacionadas a temas como o da salvação

universal, da liberdade religiosa, dos sacramentos, aos quais o Santo Padre dá resposta na Encíclica. Os aqui elencados são suficientes para que se compreenda porque se chegou a uma crise da missão.

A problemática levantada por estes questionamentos nem sempre tem uma correlação direta com a realidade latino-americana mas tocam, sem dúvida muito de perto a Vida Religiosa.

A crise vocacional atual, por exemplo, embora circunscrita a certas regiões, afeta a totalidade das comunidades que a sofrem.

É necessário superar esta problemática para que a Vida missionária seja percebida com maior facilidade como um desafio significativo, como um objetivo atraente de vida, como uma entrega que vále a pena. É claro que se respondermos aos questionamentos com outras tantas perguntas ou com fórmulas ambíguas, estaremos criando um estado tal de insegurança que qualquer pessoa normal procurará evitar abraçar esta forma de vida. É daí que decorrem o esforço de classificação e a perspectiva otimista em relação ao futuro da missão presentes na R.M.

3. A RESPOSTA

3.1. A bi-polaridade Vocacional

O Santo Padre responde em dois níveis à freixada missionária e à conseqüente crise de vocações. Um mais geral que toca a toda a Igreja — Missionária que é — incluídos os Religiosos. Outro mais específico

e referente apenas à Vida Religiosa missionária. Estes dois aspectos acham-se intrinsecamente relacionados entre si e expressam a chamada bi-polaridade vocacional, termo semelhante ao de paradigma, utilizado pela encíclica (R.M. 66).

A expressão indica algo muito próprio da Igreja que se define mediante duas palavras: todos-alguns. Todos são chamados a seguir a Jesus Cristo e alguns, da mesma maneira, também o são. Estes "alguns, contudo, o são não enquanto uma classe à parte da anterior ("todos"), mas para que vivendo seu seguimento em forma radical sejam para os demais sinal, memória, recordação contínua de que todos são chamados.

Analogamente, todos são chamados a ser missionários em virtude do Batismo e de Confirmação. Alguns, são à missão de maneira mais exclusiva, mais intensa, mais definitiva, Isto para recordar, significar, evidenciar aos demais (a "todos") esta vocação comum que podem, em dado momento, estar esquecendo ou deixando à margem. "A leitura dos Atos dos Apóstolos mostra-nos que, no início da Igreja, a missão "ad gentes", embora contando com missionários integralmente dedicados a ela por vocação especial, todavia era considerada como o fruto normal da vida Cristã, graças ao compromisso de cada crente, atuando mediante testemunho pessoal e anúncio explícito, sempre que possível" (R.M. 27).

E, citando diretamente o decreto "Ad Gentes", a Encíclica diz: "em-

bora o compromisso de difundir a fé recaia sobre todos os discípulos de Cristo Senhor, do meio da multidão dos seus seguidores, sempre chama aqueles que quer, para conviverem com ele e os enviar a pregar aos não-cristãos. Por isso, ele, por ação do Espírito Santo, que distribui como quer os seus carismas para o bem das almas, acende, no coração dos indivíduos, a vocação missionária e, ao mesmo tempo, suscita, no seio da Igreja, aquelas instituições as quais assumem como dever específico a tarefa da evangelização, que diz respeito a toda a Igreja" (R.M. 65). O mesmo é repetido em outras partes, como na seguinte: "a afirmação de que toda a Igreja é missionária não exclui a existência de uma específica missão "ad gentes", assim como dizer que todos os católicos devem ser missionários não impede — pelo contrário, exige-o que haja missionários "ad gentes", dedicados por missão específica à missão por toda a vida" (R.M. 32).

Estas citações mostram o interesse do Papa pela vida cristã em todos os seus aspectos, enfocando principalmente o ponto de vista missionário e a perspectiva da Vida Religiosa, vista, também esta, desde o ângulo da missão. É sob esta ótica que fala da Vida Religiosa, enquanto parte da realidade eclesial e enquanto carisma particular.

3.2. Os objetivos

Ao referir-se a este tema, após proclamar a urgência da evangeli-

zação missionária como serviço prioritário ao Homem e à Humanidade, o Papa apresenta ainda outras finalidades, duas das quais tocam essencialmente a Vida Religiosa: "não faltam, certamente, outros motivos e finalidades como... dissipar dúvidas e ambigüidades sobre a missão "ad gentes", confirmando, em seu compromisso, os beneméritos homens e mulheres que se dedicam à atividade missionária e todos os que os ajudam; promover as vocações missionárias" (R.M. 2).

Esta bela missão do Papa de confirmar em sua vocação seus irmãos missionários adquire solidez ainda maior quando, no capítulo primeiro sobre Jesus Cristo Salvador e no seguinte sobre o Reino, responde as perguntas bastante comuns hoje, como pode alguém salvar-se em qualquer religião? Para que, então, a missão?

3.3. Desafios gerais, porém urgentes

Ao mesmo tempo em que confirma a vocação missionária o Papa desafia também a abrir-se a novos horizontes. A Vida Religiosa, como vida eclesial, é também profundamente desafiada.

a) O primeiro desafio é o de abrir-se a novas situações missionárias com coragem e confiança no Espírito (R.M. 30). A missão "ad gentes" hoje, mais que nunca, acha-se em seus inícios.

As comunidades religiosas cabe colocarem-se ante três situações às

quais correspondem três diversos tipos de ação eclesial:

— Situações nas quais Cristo não é ainda conhecido ou nas quais a fé não foi inculturada e exigem, portanto, a *missão "ad gentes"*.

— Situações de Comunidades Cristãs fervorosas na fé e na vida, que pedem *atenção pastoral*.

— Situações intermediárias nas quais, após a evangelização, perdeu-se o sentido vivo da fé, requerendo-se, por isto, uma *nova evangelização*.

É um fato que a opção pela missão "ad gentes" é a de uma minoria da Vida Religiosa. Esta se orienta ainda preferencialmente para situações que requerem ação pastoral ou, então, para situações de pobreza, localizadas em contexto cristão e dentro do mesmo marco cultural (10).

b) Em segundo lugar o desafio é de abrir-se aos aspectos próprios da missão "ad gentes". Territoriais, sociais e culturais.

A Encíclica menciona uma série de espaços culturais ou areópagos modernos que pedem uma nova presença evangelizadora. Estes desafios exigem uma reestruturação das opções tradicionais para que se possam assumir os novos espaços missionários ou areópagos a serem evangelizados.

c) Há, em terceiro lugar, o desafio de identificar-se mais plenamente com os objetivos específicos da missão "ad gentes". (R.M. 20):

— O primeiro anúncio que se fundamenta no testemunho e chama à conversão.

— A fundação de comunidades e Igrejas particulares inculturadas.

— A difusão dos valores evangélicos no mundo.

O grande desafio da Encíclica é que as Comunidades religiosas tenham algum compromisso apostólico com o primeiro anúncio e não apenas com a pastoral ordinária ou a Nova Evangelização. O desafio vai igualmente no sentido de elas tomarem parte no esforço conjunto para se formarem comunidades Cristãs ali onde estas já existem. Isto implica o esforço de inserção do próprio carisma na cultura dos povos, de maneira a encarnar neles esta peculiar forma de seguimento de Jesus.

Finalmente, o desafio consiste em entrar cada vez mais no processo de desenvolvimento dos povos, a ser enraizado em uma profunda evangelização, tendendo à formação das consciências e a madurez da mente e dos costumes (R.M. 58).

3.4. Desafios específicos não menos urgentes

a) Os Institutos missionários

O desafio apresentado aos Institutos missionários, cuja vocação continua plenamente válida, expressa paradigmaticamente o compromisso missionário da Igreja que ne-

cessita sempre de doações radicais e totais e de impulsos novos e corajosos. Aos Institutos são solicitadas várias coisas:

— Que reavivem a graça de seu carisma específico e empreendam de novo, corajosamente, seu caminho, preferindo — na fé, na obediência e na comunhão com os pastores — os lugares mais humildes e difíceis.

— Que atualizem sua formação doutrinal e apostólica.

— Que preparem adequadamente seus candidatos e assegurem a importância das energias espirituais, morais e físicas de seus membros.

— Que enriqueçam com suas características a comunidade eclesial da qual são parte ativa.

— Que junto com sua tradicional atividade missionária “ad gentes”, dediquem-se à animação missionária, tanto nas Igrejas de cristandade antiga, quanto nas mais jovens.

Estas solicitações bem explícitas podem ser ampliadas por outras indicações contidas na Encíclica. O Sumo Pontífice usa três termos latinos que são aplicáveis, conjuntamente, aos Institutos missionários. São eles: “ad gentes”, “ad vitam”, “ad extra”.

Uma doação deste quilate é radical, total e corajosa. O Papa pede aos missionários que continuem vivendo esta vocação, paradigma do compromisso missionário da Igreja, especialmente hoje quando os hori-

zontes se tornam mais extensos e complexos.

Perseguições, incompreensões e repulsas no campo missionário não são realidades somente do passado. O Cardeal Tomko, Prefeito da Congregação para a Evangelização dos Povos, o deixou bem patente ao indicar os números dos mortos na missão hoje. O Papa, ante tal situação, quer inspirar otimismo nos missionários, não lhes dando lugares de privilégio e sim reconhecendo com simplicidade o vínculo inseparável que une a missão “ad gentes” e a vocação missionária “ad vitam”. Desta forma ele restabelece em seus devidos termos esta missão que os reducionismos de hoje tendem a destruir ou, ao menos, a desvalorizar.

As Igrejas jovens, em especial as do Sul e do Oriente, devem receber a semente da vocação missionária. O surgimento de vocações nestas Igrejas é já um fato. O Papa louva este nascimento e insta para que os Institutos missionários — aos quais mais de uma Igreja local cerrou as partes para que não tivessem vocações — conduzam a animação missionária até à maturidade vocacional. Assim, as novas vocações serão sinal e instrumento da missionariedade das jovens Igrejas, que vai despontando fatigosa, mas esperançosa.

b) As comunidades de vida consagrada

As comunidades de vida consagrada são chamadas, por sua pró-

pria consagração, à obrigação de contribuir, de maneira especial, à tarefa missionária, em sintonia com seu carisma próprio (R.M. 69) e, em muitos casos, em sintonia com a gloriosa história missionária de seu passado.

— O Santo Padre convida os *Institutos de Vida Contemplativa* a estabelecer em comunidades nas Igrejas jovens para testemunhar entre os não-cristãos a caridade de Deus e a união a Cristo.

— Aos *Institutos de Vida Ativa* ele pede que considerem mais de perto a possibilidade de um compromisso "ad gentes" para um autêntico serviço.

— Um apelo especial é dirigido às *religiosas* missionárias às quais o Papa, gratamente, anima a seguir em sua entrega "ad gentes", campo vastíssimo para uma doação com amor total e indiviso (R.M. 70).

4. COOPERAÇÃO MISSIONÁRIA

A cooperação missionária é a colaboração que todo cristão e religioso deve dar à obra missionária em virtude de seu batismo.

— Há uma colaboração latente, pela qual cada religioso se insere na corrente do Espírito, através da oração, do sacrifício, do testemunho.

— Há uma forma patente de colaboração que consiste na promoção vocacional missionária, reconhecendo, assim, a prioridade da doação total e perpétua à obra das missões

nos Institutos e Congregações Missionárias.

5. ANIMAÇÃO E FORMAÇÃO

— Animação missionária é elemento primordial da pastoral. É um campo aberto a todo Instituto Consagrado, assim como o é a todo Cristão.

— Tarefas tão específicas como a animação e formação exigem, obviamente, que, ao lado do empenho de todos, alguns se especializem nas ciências missiológicas. O ideal é que em cada casa de Formação para religiosos e religiosas sejam realizados estudos deste tipo (R.M. 83), assim que eles se habilitem para a informação e formação do Povo de Deus com vista à missão universal da Igreja.

A colaboração da V.R. na animação e formação missionárias dentro da pastoral da Igreja local, facilita o surgimento de um estilo missionário próprio desta Igreja, com espiritualidade e formas de ação específicas, de modo a forjar uma identidade missionária.

A Igreja local principalmente em nossos países latino-americanos, delegou sua responsabilidade missionária às Pontifícias Obras Missionárias e não assumiu a missão na primeira pessoa. Por essa razão, às vezes, ela não tem a vitalidade que deveria ter, considerados o número e a qualidade de seus católicos.

Sem descurar a colaboração com Obras Missionárias, é preciso dar

força à ação missionária que, desde sua originalidade, cada Igreja local pode deslançar. Os Religiosos têm uma contribuição muito rica a dar para que tome corpo e figura este novo rosto da missão universal.

Os Institutos missionários, valendo-se dos serviços da união missionária e colaborando com as Obras Pontifícias, podem também ser gestores dos Centros Diocesanos de animação, nos quais se vive a identidade própria daquela Igreja local à qual eles pertencem (R.M. 84).

6. ESPIRITUALIDADE MISSIONÁRIA

A conclusão de tudo o que se disse é a de que é necessário explicitar cada vez mais a espiritualidade missionária latente no tesouro espiritual de cada Congregação. São três os pilares fundamentais de sustentação desta espiritualidade:

— Deixar-se guiar pelo Espírito que transforma a cada pessoa humana em testemunha corajosa de Cristo e anunciador de sua Palavra.

— Viver o mistério do Cristo enviado. É uma forma peculiar de seguimento de Jesus que implica o despojamento de si.

— Amar a Igreja e a todos os seres humanos com amor universal, sentindo-se irmão universal, aberto a todos os povos, homens e mulheres, especialmente aos mais pequenos e pobres.

Não há como separar a vocação universal à missão da vocação universal à santidade. Há sempre um duplo chamado: à missão e à Santidade. Quem almeja ser missionário deve ser um contemplativo na ação e uma pessoa que encontrou em Cristo a alegria da verdadeira esperança.

NOTAS

(1) O Padroado Régio foi concedido por Júlio III com a Bula "Universalis Ecclesiae" (1508). Outorgava à Coroa de Castela o direito Universal do Padroado, passando às mãos dos reis a correspondente "soma de privilégios com alguns encargos". Isto lhes permitia o controle da evangelização missionária e da vida da Igreja na América" (Cfr. González D., Antônio, Testigos de la Nueva Evangelización, CELAM, Bogotá, 1988, p. 177). Adriano VI, no Breve "Omnimoda" (1522) concedeu posteriormente ao rei o direito de enviar missionários, de seleccioná-los e de examinar e, possivelmente, de vetar os escolhidos para a missão. Em 1532, Clemente VII concedeu ao Imperador faculdade sobre certos envios, mesmo sem a permissão dos respectivos supe-

riores (idem, p. 177). (2) A missão religiosa pedida pelos Pontífices será realizada na América através do Conselho Real e Supremo das Índias, formalizado em 1524. Era encargo seu governar e decidir sobre tudo o que dizia respeito às colônias ultramarinas, inclusive no plano missionário e eclesiástico. A coroa estava interessada na completa submissão das missões ao poder do rei (regalismo). (3) O descobrimento da América coincide providencialmente com o grande movimento de reforma das Ordens religiosas e da Igreja, incentivado pelo Card. Francisco Jiménez de Cisneros. (4) Cfr. Schragl, F.; Las misiones, em Lenenweyer, J. e outros, História da Igreja Católica, Ed. Herder, Barcelona, 1989, p. 594-595. (5) O assunto era conhecido especialmente nas

missões da Ásia, onde a Propaganda teve mais liberdade de ação. As missões dependentes do Padroado português viram-se em uma situação de conflito: se aceitavam os Vigários Apostólicos enviados pela Propaganda perdiam a ajuda financeira por parte do Estado; se não os aceitavam ficavam impedidas de exercer sua ação pastoral, de administrar os sacramentos, etc. (6) Schragl, F., o.c., p. 614. (7) A reação não foi, efetivamente, consequência de uma eclesiologia dinâmica da missão, aliás impossível de ser formulada naquele momento, e sim da experiência direta da vida missionária. É interessante o caminho do Espírito intuído pelos fundadores das Congregações missionárias: ele parece nascer da mesma essência do problema missionário, apontando para uma nova forma de relacionamento entre a alma e Deus. "Expressões semelhantes podem ser encontradas também no "Statuta pro Missionibus" a partir dos últimos decênios do século passado, buscando codificar sua experiência missionária, pondo em relevo seu próprio fermento apostólico" (Ancilli, E., Dicionário de Espiritualidade, Tomo II, Herder, Barcelona, 1983, p. 608-609). (8) Outros freios provinham da maneira como era praticado o "ius commissiois". O fundador da "União

Missionária", P. Manna, criticava fortemente tais situações, escrevendo contra o ocidentalismo e o congregacionismo, métodos equivocados, seguidos por pessoas bem intencionadas: "as Ordens e as Congregações Missionárias, inclusive as de irmãos e religiosas, lançaram raízes tão sólidas nas missões que se tornou difícil e algo muito distante o nascimento de Igrejas indígenas". Um chinês afirmou que a China não é terreno das missões e sim das congregações. Com estas tomadas de posse, dar a devida importância ao clero nativo local não equivaleria a trabalhar, para a própria destruição (das Congregações)? Tanto é assim que em muitas missões os colégios, as escolas e as casas da Santa Infância estão melhor organizados que os Seminários (Batturini, G., El fin de las Misiones em China, EMI, Bolonha, 1979, p. 121. (9) Em Gorski, J., El desarrollo histórico de la Misionología en América Latina, La Paz, Bolívia, 1985, pode-se ver um caminho teológico de maturação missionária. (10) O que não significa desconhecer o aumento geométrico da presença religiosa nas situações missionárias. Na América Latina a projeção dos religiosos além fronteiras, "ad gentes" é cada vez mais significativa. É lástima a carência de dados para ilustrar este crescimento. □

Utopia: Um lugar onde tudo o que discrimina e separa os homens é superado. *Vulgaridade:* Uma forma de ignorância (Pe. Marcos de Lima, SDB).

Inculturação

Exigência que marcou todo o caminho histórico da Igreja, mas hoje particularmente aguda e urgente. Não se trata de mera adaptação exterior. Processo profundo e globalizante que integra a mensagem cristã, a reflexão e a práxis da Igreja. Processo difícil porque não pode comprometer de modo algum a especificidade e a integridade da fé cristã. Caminho lento que responsabiliza os pastores, as comunidades e os seus vários agentes, *Redemptoris Missio*, n.º 52.

VIDA RELIGIOSA NA FRONTEIRA

PRESENÇA NO UNIVERSO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE EMPOBRECIDOS

"Realmente, é heróico este engajamento. Exige muita garra e perseverança. Aqui Você lerá depoimentos e testemunhos de Irmãs e Irmãos que estão engajados nestas diversas frentes".

Ir. Maria do Rosário L. Cintra, FMA
São Paulo, SP

Qual o universo de uma criança empobrecida? Quem já ousou imaginá-lo, mergulhar nele, penetrar seu mistério, ouvir seus apelos, seus anseios, sua dor, sua esperança, seus sonhos?

Muitos cristãos inspirados e movidos pela força do Evangelho do Senhor Jesus o fizeram: alguns deles, a partir daí, se comprometeram de uma tal maneira com essas crianças que a elas dedicaram toda sua vida. Mais que isso, contagiaram outros amigos, que se tornaram discípulos e companheiros, para que fizessem o mesmo. Surgiram assim inúmeras Ordens, Congregações, Institutos religiosos, cuja finalidade principal era precisamente esta: ouvir o apelo da criança marginalizada como uma parcela do povo po-

bre e sofredor. Há algo de profético na intuição desses fundadores, desses cristãos sensíveis à realidade de seu tempo.

O ponto de partida do profetismo é a sensibilidade (pessoal e comunitária) em face da realidade, o deixar-se impactar pela realidade do sofrimento do povo, pelo excesso de dor, pela crise das maiorias, pela aflição dos pobres. Não se trata apenas de ver, nem sequer de analisar a realidade, mas de ver através de lágrimas, de sentir-se profundamente comovido, afetado, indignado. É deixar-se comover nas entranhas (splanjnídsomai é o verbo grego que expressa a comoção do bom samaritano, do pai do filho pródigo, de Jesus)" (1).

Somos filhos destes homens e mulheres que se deixaram comover até às entranhas pelo excesso de dor, pela aflição dos pobres. Muitos deles foram atingidos particularmente pelo grito doloroso, pelo sofrimento dos mais pequenos entre os pobres: as crianças e adolescentes postos à margem (marginalizados) da sociedade.

Todo vocacionado autenticamente chamado por Deus, um dia deve ter-se sentido profundamente atingido por um apelo, que o fez deixar sua barca na praia e partir no seguimento do Mestre.

Encontraram, porém, organizações prontas que, na seqüência dos compromissos historicamente assumidos, vão sendo forçadas pelas exigências do próprio crescimento da instituição, a dedicar-se a tarefas que se distanciaram um pouco dos apelos primordiais, do carisma dos inícios. Deus suscita, no entanto, inúmeras experiências que provocam uma autêntica renovação.

As mensagens do Concílio Vaticano II, da Assembléia de Medellín e de Puebla, à medida que foram sendo lidas pelas Congregações e Ordens Religiosas (assim como por toda a Igreja), provocaram um vento renovador que em algumas instituições não deixou pedra sobre pedra. E tudo nasceu de novo.

São já décadas de renovação-resposta aos apelos mais diversificados que provocaram as diferentes formas de encarnação: nas Comunidades de Base, no mundo do trabalho,

dos direitos humanos, dos migrantes, dos sem-terra, das mulheres marginalizadas e hoje até dos aidéticos. E foi como um re-começar.

O apelo das crianças

Houve também um "novo apelo" das crianças. Se em todas as épocas elas falaram ao coração dos homens e das mulheres, suscitando generosas experiências de dedicação, hoje elas vêm falando de uma forma particularmente forte.

Custou um pouco para que lhes dêssemos atenção, voltados que estávamos para grupos considerados mais diretamente ligados a transformação sócio-política, buscada pela inserção. A criança (se pensava e se pensa quem sabe) é efeito, não pode ser agente de mudança. Ela deve "esperar" que os resultados da renovação das estruturas cheguem até ela. Em outras palavras: quando tivermos uma melhor distribuição das riquezas, salários mais justos, terra e casa para todos, não haverá crianças empobrecidas. Quando será isso, não importa.

Mas as vozes das crianças continuaram a ecoar: *Olha eu aqui. Tenho treze anos. Tenho quinze anos. Não tenho pai. Não tenho casa com jeito de lar, tenho fome, não conheço carinho de mãe, durmo na rua, debaixo da ponte, em porões e jardins, passo frio! Tentei vender jornal e ninguém comprou, tentei limpar pára-brisas de carros e me mandaram encher o saco de outro, tentei vender bugigangas e quase*

ninguém comprou (2). E ainda mais:

Para que vocês saibam que eu existo, eu estou derrubando, assaltando, tirando de vocês a única coisa que vocês acham importante na vida: o dinheiro. Assim, quem sabe vocês se lembram que meio milhão de crianças como eu não têm casa decente para dormir um sono de criança... (3).

Eram as mais pobres dentre as crianças pobres que clamavam. Mas elas estavam tão longe... nos confins do nosso mundo, do nosso universo, povoado de Igrejas e casas bem construídas, providas das várias comodidades, freqüentadas por pessoas capazes de assimilar a proposta da evangelização, da catequese, da educação, da ação social. Elas estavam quase na fronteira do nosso território, falando outra linguagem, com outros hábitos (ou sem hábitos, talvez), completamente à margem do que se pode chamar civilização.

Como chegar lá? As descrições e análises da realidade eram muitas, a constatação da existência das crianças era notória. Mas não se trata apenas de ver, nem sequer de analisar a realidade, mas de ver através das lágrimas, de sentir-se profundamente comovido, afetado, indignado. É deixar-se comover nas entranhas (4) (como o bom samaritano, como o pai do filho pródigo, como Jesus).

É preciso, de certa maneira, uma nova encarnação (como a de Jesus),

um descer do cavalo (como o Samaritano) e tentar curar as feridas; é preciso achar um alojamento que acolha feridos e os trate bem. É preciso "paciência misericordiosa" para aguardar a volta do filho, quando ele decide deixar a casa. E ficar todos os dias à espera paciente de seu retorno. É preciso antes deixá-lo sair, mesmo quando se sabe que ele vai terminar comendo os alimentos dos porcos. E continuar a amá-lo, a esperar por ele, acreditando sempre na sua possibilidade de começar tudo de novo. É preciso depois estar com ele nem que seja para ajudar a preparar um lugar no paraíso (5).

O texto da CF/87, culminância de uma etapa na caminhada da Pastoral do Menor e ponto de partida para uma nova fase, explica bem o processo crescente da marginalização, cuja reversibilidade vai se tornando sempre mais difícil (embora nunca impossível).

A mobilização nacional

O texto da CF/87, que permanece, ainda hoje, leitura indispensável para quem quiser entrar no universo da criança e do adolescente empobrecidos no Brasil, provocou, juntamente com tudo o que acompanha o desenrolar de uma Campanha da Fraternidade, um grande despertar nacional e uma série de iniciativas que perduram até agora. Talvez a mais válida de todas foi possibilitar o encontro (oficializado pela CNBB linha 6) de dezenas de agentes de Pastoral, membros da Igreja no Bra-

sil, de pessoas consagradas à causa da criança, que vinham fazendo um caminho desde o início da década de 80. E esses agentes perceberam que alguns pontos lhes eram comuns; e assim expressaram a sua identidade:

... Relemos o Evangelho a partir da relação com as crianças empobrecidas, valorizando algumas dimensões esquecidas ou distorcidas como a revelação aos pequenos, o perdão, a acolhida e inclusão dos excluídos. Nossa ação vai colocando o menor no centro das atenções, vai dando existência às crianças esquecidas. Não é missão da Pastoral do Menor resolver tudo o que se refere ao menor. Nossa ação são sinais. Com estas ações simbólicas, a Pastoral do Menor vai profeticamente forçando a reorganização da sociedade.

Assim, acreditamos que haverá verdadeira conversão quando o menor for visto no seu valor, como portador da revelação de Deus e não como carente, necessitado de ajuda. Nós entramos em comunhão com as crianças empobrecidas e não apenas trabalhamos para elas.

— Acreditamos que é na comunidade que se dá o resgate do menor como filho de Deus, como irmão menor da humanidade. Comunidade familiar, de bairro, eclesial. Nela convivemos a fundo com a criança.

Olhamos o MUNDO a partir do MENOR. Olhamos o MUNDO junto com as crianças, partindo da cul-

tura e da experiência delas. Defendemos com elas os direitos fundamentais à vida, ao respeito, à participação.

Buscamos colocar a criança concreta, irrepetível e empobrecida, no centro da vida da Igreja e da sociedade humana.

Propomos aos nossos agentes que nossa ação do dia-a-dia, cheia de contratempos e imprevistos (assim é a vida das nossas crianças), se fortaleça e ilumine com a leitura da Palavra de Deus (na Bíblia) e da realidade (análise de conjuntura) (6). Assim se expressou o grupo em Cachoeira do Campo.

Os(as) religiosos(as) estavam ali em número significativo e forte. E o que se percebia de novo é que não se tratava mais de cada um(a) falar de sua obra, de sua fundação, mas todos(as) ou a maior parte contavam a história (foi um dia e meio destes relatos) de sua inserção na realidade local juntamente com leigos jovens, adultos, casais, padres, técnicos e funcionários de várias instituições governamentais e sobretudo não-governamentais, que se punham juntos, de mãos dadas com as crianças e adolescentes, na busca de um caminho novo de libertação.

Este caminho novo tinha (e tem) duas dimensões distintas e complementares indissociáveis: acolher a criança e transformar a sociedade. Ou melhor, acolher a criança para transformar a sociedade: acolhendo a criança e o adolescente na sua

dignidade única de pessoa humana e colocando-os no centro da hierarquia de valores é que serão equacionadas as grandes questões morais, econômicas, sociais e culturais do país e do mundo (7). A criança e o adolescente precisam estar não somente na meta: transformar o mundo para as crianças usufruírem depois, mas precisam estar presentes no decorrer de todo o processo transformador, apontando caminhos, sugerindo prioridades, obrigando a re-orientar o planejamento geral da nação, mudando a vida das pessoas. De fato, não somente a nação como sociedade, como governo, deve re-orientar o planejamento, mas todos somos convidados a rever o nosso modo de viver e de pensar. Também as Ordens, Institutos e Congregações. E não tanto por decreto ou por mudanças nas Constituições (também isso vem ocorrendo), mas pelas exigências práticas que a "presença" das crianças e adolescentes empobrecidos provoca na vida das pessoas e dos grupos.

Mudanças na sociedade: a lei

A "presença" das crianças deve provocar mudanças na sociedade. Ela exige, antes de tudo, um reordenamento a partir do DIREITO que vai atingir as leis. A "Lei" — diz o texto-base da CF/87 — *foi feita por Deus para defesa e libertação do marginalizado e oprimido, do ÓRFÃO, da viúva e do estrangeiro e para assegurar assim a VIDA do povo de Deus* (8).

E as religiosas fizeram a experiência, juntamente com agentes da pastoral e pessoas comprometidas de todos os grupos (mesmo não cristãos) de trabalhar no reordenamento jurídico para garantir os direitos das crianças e adolescentes, juntamente com elas.

Para isso, as crianças foram ouvidas, deram suas sugestões, foram às praças participando em passeatas e cirandas de apelo e reivindicação. Felizmente, a luta foi coroada de êxito e surgiu o Estatuto da Criança e do Adolescente, fruto genuíno do mergulho que havia sido dado no universo da criança e do adolescente, para captar, nas várias dimensões, os seus mais legítimos direitos à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à liberdade, à proteção no trabalho, nas viagens e ao uso adequado dos M.C.S. Direito de ser ouvida sempre e ter o devido processo legal, quando se lhe atribui autoria de infração penal, lembrando sempre sua condição de inimpugnável.

E depois da lei vieram, para ficar, as novas instituições previstas para garantir os direitos das crianças. E os religiosos estão aí, colaborando ora em Fórum de defesa, ora em comissão jurídica, para que surjam os Conselhos de Direitos e os Conselhos Tutelares. É um mundo novo de engajamento que irá, pouco a pouco, desvelando toda a mudança que deve ocorrer na sociedade, nos governos e nas instituições porque a criança se fez presente. Mudança contra a qual a so-

cidade vai reagir e já está reagindo. Mudança que está desafiando toda a capacidade de resistência, de engajamento e de luta dos grupos comprometidos com a causa. No meio deles, aprendendo muito em certa dimensão, edificando-se com a coragem e dedicação de leigos e pessoas realmente dedicadas, nas mais diversas áreas, o(a) religioso(a) tem sua missão de fermento, de sal, de luz posta no candeeiro, haurindo no evangelho, juntamente com seus irmãos na fé, a força e o élan da caminhada para os grupos mais próximos e para o movimento como um todo. A chama não pode apagar. A luta não pode arrefecer.

A acolhida

A complexidade, porém, é que a busca da mudança global não exclui a necessidade da presença, sobretudo junto àquelas crianças e adolescentes que, ainda estando no ciclo da marginalização, não foram atingidos pelos inúmeros projetos que esta movimentação toda provocou e sugeriu.

E aí está o religioso(a) na fronteira, junto à mãe empobrecida gestante e nutriz, e junto às crianças nos primeiros anos. Lá onde o ser humano se forma e onde se plasma a personalidade, é importante a presença educadora materna/paterna de quem, embora não sendo biologicamente mãe ou pai, gera com o seu carinho e dedicação, criaturas humanas que nascem de novo para a vida e para o amor.

Ajudar uma adolescente-mãe a re-encontrar segurança e paz para transmitir emoções positivas ao ser que carrega no ventre, é viver a experiência da maternidade que a consagração religiosa potencia e fortalece. Não é nada fácil, porém, essa experiência (assim como é trabalhosa toda gestação). Realmente, conseguir que uma pessoa ainda em formação (adolescente), que não foi acolhida, nem amada, que não teve família, e cresceu na instituição ou na rua, seja capaz de acolher outro ser, de amá-lo, de garantir-lhe a sobrevivência, é extremamente delicado e só se consegue pela experiência da acolhida afetiva que produz segurança, garantindo-lhe um mínimo de condições de estabilidade; pela força do diálogo persuasão que conduz ao convencimento interior; pela perspectiva da fé: é quando se aponta a realidade da paternidade/maternidade de Deus partilhada na maternidade/paternidade humana (9).

Depois vem a presença no universo da criança nos primeiros anos, quando ela sai, enfrentando o mundo e buscando a sua auto-afirmação. Não poderíamos admitir que um ser em desenvolvimento esteja desprotegido, abandonado, sozinho. *Somos culpados de muitos erros e muitas falhas, mas nosso pior crime é abandonar as crianças, desprezando a fonte da vida. Muitas das coisas que precisamos podem esperar. A criança não pode. É exatamente agora que seus ossos estão se formando, seu sangue é produ-*

zido e seus sentidos estão se desenvolvendo. Para ela não podemos responder amanhã. Seu nome é hoje (Gabriela Mistral).

E o que dizer da adolescência, já dolorosa e difícil na nossa civilização para todo ser em formação, quando esta fase é vivida em ambientes desprovidos das condições mínimas da sobrevivência, com os perigos todos que o tráfico e consumo de drogas, a sexualidade precoce, a iniciação do crime proporcionam. Realmente, é heróico este engajamento e exige muita garra e perseverança.

Seria bom aqui passarmos a ouvir alguns depoimentos, testemunhos de Irmãos e Irmãs que estão engajados(as) nestas diversas frentes:

Depoimentos

— *Em 1983, aproximei-me pela primeira vez da vida dos adolescentes presos em uma das casas da antiga FUNABEM, hoje CBIA. Foi aí que vi e senti o drama dos meninos de rua: miséria moral e material, aprofundando feridas congênitas ou já crônicas na personalidade, incapazes de crescer e desabrochar. A dor do abandono superada pela vivacidade criativa que os faz sobreviver.*

Dali passei à experiência do trabalho na rua, de onde iam os meninos para as casas de detenção. Encontrei-me com o abandono, a vida de trabalho dos engraxates e pequenos vendedores ambulantes,

com a fome destas crianças, os seus machucados, doenças, frio, cansaço.

Encontrei-me com as suas "esperanças", as "matreirices", com suas defesas. Presenciei a exploração que sofrem dos adultos, no seu trabalho, no seu tempo, no seu corpo. Testemunhei o descaso do governo e da sociedade e da Igreja, pela vida destas crianças sem família, sem amor, sem carinho, sem casa, sem comida, sem roupa, sem escola, sem saúde, sem direito de viver.

Entrei na luta por elas. Nas ruas, com o atendimento às suas necessidades mais elementares e nas comunidades, em trabalhos preventivos para que não venham para as ruas. Na luta pela defesa dos seus direitos, e no trabalho de formação de educadores sociais. Hoje convivo com estas crianças que me levam ao seu mundo de abandono, fome, promiscuidade, aids, partos, mortes, violência e extermínio.

Houve muitas perdas nestes oito anos, mas o saldo é muito positivo. Vejo-os crescer, desabrochar, conquistar seu espaço e vencer o desafio de um mundo que programa só o seu fim.

Nesta caminhada, descobri o sentido de minha vocação religiosa salesiana. Sinto agora que vale a pena toda renúncia e todo sacrifício, porque vivo a solidariedade com a criança e o adolescente mais sofrido, indefeso, ou abandonado. É com este Cristo que eu quero conviver e é por Ele que têm sentido

a luta e o sofrimento, até à ressurreição! (Ir. Adma Cassab Fadel — Salesiana — Rio de Janeiro.)

— Nossa presença ursulina na Arquidiocese de São Paulo, mais especificamente na periferia da cidade de São Paulo, era algo que vinha refletindo já com uma certa preocupação, há vários anos, por algumas Irmãs e pelo Governo Provincial. Os apelos da Igreja eram claros e fortes. Começaram a repercutir cada vez com maior intensidade. Mas, foi somente em janeiro de 1983 que isso começou a se concretizar. A Pastoral do Menor estava se organizando e atraindo a atenção e generosidade de um grande número de pessoas: sacerdotes, religiosos, leigos. E foi para este campo de Pastoral, que se desenvolvia sobretudo na Região Episcopal Belém, animada por Dom Luciano Mendes de Almeida, há muito tempo amigo das ursulinas, que nos sentimos chamadas. O objetivo era muito simples: oferecer nossa contribuição, por mais modesta que pudesse ser, numa área que clamava, e que ainda clama, por ajuda. O Menor Carente e tudo o que com ele está relacionado: educação, centros comunitários, família, se impôs como prioridade para nós. Mais do que nunca sentimos que é realmente o que sintoniza com nosso carisma... nossos anseios... nossa vocação específica.

Mas, toda a ação apostólica se desenvolve num contexto eclesial

que nos envolve e nos sustenta e dá à nossa vida uma amplitude que se torna até difícil de definir. Nossa vida espiritual e comunitária, nossos planejamentos e avaliações, como que ultrapassam nossos próprios limites. Todos os princípios contidos em nossas Constituições adquirem um sentido íntegro e profundo. E é neles e a partir deles que nós nos sentimos cada vez mais ursulinas, filhas de Santa Ângela, e a memória de uma "Igreja que nos confia uma missão para exercê-la em seu nome" (Const. 5).

O estilo de vida tem que se caracterizar sobretudo pela abertura às necessidades do contexto onde estamos inseridas.

Tudo é partilhado, em todos os níveis: desde os chinelos que temos nos pés, e que muitas vezes nos desfazemos dele em benefício de uma menina ou de um menino que dele precisam para ir à escola, até o tempo do nosso repouso e da nossa oração, pois muitas vezes somos chamados, mesmo durante a noite, para socorrer crianças cujos pais estão em graves conflitos, e acolhê-las em nossa casa até que passe a tormenta.

O estímulo e o encorajamento nos vêm do nosso próprio engajamento com o povo empobrecido, com as crianças, vítimas de uma sociedade que inverteu os valores: aos anseios de solidariedade responde com o egoísmo; aos anseios de amor responde com ódio; aos anseios de paz responde com a mais cruel violência; aos anseios de vida responde com a morte.

Não serão os marginalizados, especialmente, os que Jesus veio salvar? João, ouvindo falar, na prisão, a respeito das obras de Cristo, enviou a ele os seus discípulos para lhe perguntar: — És tu aquele que há de vir, ou devemos esperar outro? Jesus respondeu-lhes: Ide contar a João o que estais ouvindo e vendo: os cegos recuperam a vista, os coxos andam, os leprosos são purificados e os surdos ouvem, os mortos ressuscitam e os pobres são evangelizados. E bem-aventurado aquele que não ficar escandalizado por causa de mim! (Mt 11,2-6.)

Esses sinais da presença do Reino, que Jesus mesmo proclamou, estão presentes hoje também. E nós nos sentimos testemunhas desses sinais do Reino em meio ao nosso povo. Nós conhecemos o rosto e o nome de muitos desses surdos, e mudos, e coxos, e pobres, que começam a ouvir, a falar, a andar e a serem evangelizados.

E assim, nós nos sentimos chamadas a estar com o povo, a estar com os pais, com os jovens, com as crianças, e ajudá-los a se converterem ao verdadeiro cristianismo. Nós nos sentimos enviadas a preparar os caminhos de Jesus Cristo, a preparar a semente, a alimentar a chama que ainda fumeja, a atar a cana rachada pelo poder, o dinheiro, o egoísmo, a testemunhar a verdade que liberta de toda escravidão. (Ir. Maria da Assunção Rossetti — Ursulina — São Paulo.)

— A situação cada vez mais agravante dos menores abandonados e

marginalizados, tanto nas periferias como nas ruas de Curitiba, desafia a Vida Religiosa e toca o carisma da maioria das congregações, levando muitas(os) religiosas(os) a colocarem-se a serviço desta missão.

A Congregação das Irmãs da Divina Providência, que tem em seu carisma fundacional o comprometimento com menores abandonados, respondendo ao desafio, começa a se posicionar e comprometer-se com esta realidade.

O Capítulo geral de 1988 escolheu como uma das suas prioridades o menor carente e marginalizado. Esta prioridade assumida impulsionou muitas Irmãs a se engajarem em alguma obra ou movimento em prol desta missão, ou além das que, sentindo este apoio, já haviam tomado iniciativas de desenvolver algum trabalho neste campo.

Em Curitiba, um grupo de Irmãs se engajou no Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua e na Pastoral do Menor, iniciando um trabalho em duas vilas periféricas da cidade, com as crianças e adolescentes empobrecidos, na tentativa de evitar que se tornem meninos de rua, visto que estes provêm das periferias onde, não tendo condições de vida, buscam alternativas. Deste grupo de educadores, a maioria são jovens que, com todo o vigor de sua jovialidade, empenham-se na luta em defesa dos direitos destes privilegiados do Senhor.

No Movimento Nacional de Meninos(as) de Rua, as Irmãs não só

participam das atividades propostas, como também ajudam a manter financeiramente os trabalhos. Ao projeto de construção de uma casa-lar para meninos de rua, a congregação colabora, angariando fundos para a obra, dando, ao mesmo tempo, apoio efetivo na criação de condições para a sua realização.

Também atuam diretamente no universo dos meninos(as) de rua do Centro de Curitiba, onde se realizam encontros dominicais, abordagens durante a semana, encaminhamentos a setores de saúde ou terapia, manifestação de rua, celebração de festas importantes: Natal, Páscoa, Dia da Criança, Festa Junina, Encontros Estaduais, tendo em vista a organização destes na defesa dos seus direitos. Estão iniciando um trabalho com os meninos(as) trabalhadores(as) de rua, respondendo ao apelo da CF 91 e promovendo encontros para refletir a questão da menina de rua. Para conhecer a realidade das crianças e adolescentes institucionalizados, visitam as Instituições para poderem apreender o contexto social e político e avaliar as consequências que estas criam para muitos meninos(as).

Além das atividades de rua, atuam a nível mais amplo, como na divulgação do Estatuto da Criança e do Adolescente, participando no processo de criação dos Conselhos, definidos pelo Estatuto.

A opção pelos pobres, que Puebla tão bem explicita, concretiza-se quan-

do nós, religiosos, olhando a realidade, captamos os apelos daqueles que o sistema capitalista marginalizou, principalmente as crianças, adolescentes, jovens, decidindo por ações concretas em favor destes, num engajamento corajoso na luta em defesa da vida e dos seus direitos. (Irmã Zilda — Irmãs da Divina Providência — Curitiba.)

— Quando para cá vim, em 1978, supunha encontrar crianças como as dos colégios por onde trabalhara, porém mais pobres, e sofrendo as consequências de sua pobreza. Jamais poderia supor ver-me e às crianças, tão próximas do mundo do tóxico e da droga. Jamais poderia supor o seu envolvimento com "patrões" da favela, que são ao mesmo tempo "benfeitores", "juizes", "advogados", "prefeitos" e "educadores" do povo da sua área, daquele morro.

Diante desta realidade, como desenvolver nosso trabalho?

Fazendo-nos amigas, servindo a qualquer hora, demonstramos que não estávamos aqui para disputar poder.

Hoje, temos uma igreja e o Centro Educacional Comunitário com salas de aula, oficinas de vassouraria, marcenaria, sorveteria, costura, catequese, grupos de teatro, pastoral da criança, capoeira etc.

Assim, com a "presença" nesta fronteira de extremo risco, as irmãs com seus colaboradores vão

possibilitando às crianças verem uma realidade diferente, em que o "trabalho" tem outra significação. Muitos fizeram sua opção e, crescendo, tornaram-se educadores de seus irmãos menores, ajudando diariamente no Centro Comunitário como monitores.

O nosso trabalho está sob a mira dos "patrões", embora "respeitosos", "atenciosos" a ponto de baixarem a música, para não perturbar as funções na Igreja, visto terem construído a sua sede em frente à nossa capela.

As crianças confiam neles a ponto de, quando repreendidas pelos pais, ameaçarem-nos de comunicar o fato aos seus "protetores".

Estes, para acentuarem seu domínio, promovem com freqüência festas com chope, churrasco de um boi, e ainda material escolar, uniformes, balas e serviços, inclusive colocam um carro à disposição para os casos de emergência, como partos, acidentes etc.

Com a graça de Deus não esmorecemos, continuamos nosso trabalho com alegria e muita fé. (Irmã Odete Lamy — Salesiana — Rio de Janeiro.)

— Dizem que não se faz mais religiosos(as) como antigamente. Creio que cada tempo tem sua maneira de ser. As congregações religiosas são fruto da época.

O importante é responder com audácia como fizeram nossos funda-

dores que, sem medir esforços, começaram do nada, dispuseram-se a seguir a Cristo numa determinada situação como, por exemplo, Marcelino Champagnat, fundador dos Pequenos Irmãos de Maria, na França, em 1817. Sua resposta profética foi dada no campo da educação, que estava um caos, logo após a Revolução Francesa. Ele conseguiu ouvir o clamor que partia das crianças abandonadas nas pequenas roças e vilas e é para isso que inicia a sua obra, com todas as críticas, que se possa pensar.

Hoje os apelos são manifestados de outras formas, nascem da situação de injustiça e exploração em que vivemos.

Como nossos(as) fundadores(as), é impossível calar diante da situação. Precisamos nos questionar aonde estariam nossos fundadores(as) nessa atual conjuntura em que vivemos. Será que estariam com as obras que temos? Estariam onde estamos?

O mesmo podemos perguntar aonde estão as congregações cujos fundadores(as) viveram e idealizaram suas instituições dedicadas para a educação, saúde, exigências básicas do ser humano e que são os mais abandonados pelo poder público hoje.

Somente no Paraná, a rede estadual de educação começou o ano com a falta de 10.000 professores.

Urge a cada congregação, cada religioso(a) ser presença evangélica,

profética nesse mundo; urge-nos ocupar essas novas-velhas fronteiras; assumidas já pelos nossos antepassados e que no mundo hoje clamam por uma ação profética.

A missão é desafiadora, pois vai mexer com tudo e em tudo, nos nossos hábitos, sobretudo nas nossas regalias. É necessário conversão ao cristo-criança pobre.

Precisamos descobrir novos espaços, abrir nossos leques de opções, termos claro que um processo educativo não acontece somente dentro da sala de aula, mas em todos os espaços onde nos propomos a sermos educadores. Por que não na rua, no abrigo noturno ou diurno, com crianças infratoras, prostituídas, viciadas etc.?

Em Curitiba, alguns educadores, com mais algumas poucas congregações (Irmãs da D.P., os FMS e os S.J.), estão assumindo a rua no período noturno com um novo espaço de um processo educativo. Ali acontece festa, partilha da vida, da alimentação (quando tem), das dificuldades, do sofrimento e há também o momento da capoeira, da divulgação do Estatuto, de começar a aprender a ler, escrever, encaminhar os casos e, sobretudo, um momento de solidariedade com aqueles sobre os quais a sociedade passa pisando por cima.

Isso tudo provoca uma mudança para a gente, para a V.R., a congregação, para o processo de formação. As crianças passam a ser formado-

ras da nossa vida religiosa, mudam nossa maneira de ser, nossa estrutura, nosso comportamento; nossa oração torna-se mais viva, encarnada. A presença de Jesus é real. Creio que a maior mudança está na nossa práxis. A criança é dinâmica; nossa vida, a V.R. também vai se tornando algo dinâmico, não pára em nossos mundinhos. A vida comunitária muda, não pode ser mais estática, mas sim algo flexível, aberto à novidade, ao imprevisto, à necessidade da criança que vem pedir socorro.

Creio que estamos num momento de mudanças, é hora de abriremos nosso coração e a congregação ao novo, sabermos colocar a missão da congregação onde existe o apelo, a necessidade, sem que venha trazer danos para nossos carismas.

Nossa ação com as crianças e adolescentes precisa ser numa proposta transformadora onde a pessoa humana seja o centro e ela própria, como sujeito, vá construindo sua libertação, sua vida. Como membros do corpo vivo de Cristo faz-se necessário estarmos engajados numa pastoral que ofereça alternativas, que lute pelo novo céu e nova terra, que trabalhe dentro de uma pedagogia de direitos onde todos somos sujeitos. E assim vamos respondendo aos apelos do Espírito Santo.

Urge, para todas as congregações, a revisão do seu carisma e missão, é preciso voltar ao passado para fazer uma releitura com os olhos da criança da AL, como disse nosso

superior geral "precisamos refundar a congregação", pois Champagnat e todos os nossos fundadores(as) vivem pelos nossos braços. A volta ao passado vai nos clarear em muita coisa de que, por certo, não temos certeza.

As Constituições dos Pequenos Irmãos de Maria, no artigo 83, prescrevem aos irmãos: "vamos aos jovens e crianças lá onde eles estão. Vamos com ousadia aos ambientes inexplorados, onde a espera do Cristo se revela na pobreza material e espiritual... Permanecemos disponíveis ao Espírito Santo que nos interpela através das realidades de nossas vidas e que nos impulsiona a ações corajosas". Precisamos descobrir como vivem e sobrevivem, lutam e resistem, brincam e celebram, e como são crucificados aqueles que são a menina dos olhos de Jesus Cristo.

Urge estarmos conscientes de que há crianças escravizadas nesta PAZ armada e que há jovens marcados, sem teto, sem sonhos; urge imediatamente colocarmos-nos a serviço como Maria, a mãe de Jesus, em favor do broto para que a "vida nos dê flor e fruto". (Irmão Davi Nardi — Marista — Curitiba.)

— Nos anos 70, através da inserção no meio do povo, da mudança do lugar social, da participação nas Comunidades Eclesiais de Base e do início do trabalho com o menor de forma assistencial, procurando alternativas de Educação

Popular, descobri o meu ser-religiosa-salesiana. Mais tarde, nos anos 80, como assalariada, na luta dos movimentos populares, com a militância política, descobri a dialeticidade da vida, a corrupção, a opressão... Descobri a "garra", o entusiasmo do povo... Descobri o Ser-Religioso, sem fronteiras de espaço... A presença, a partilha, o apanhar da polícia junto com o povo nos desinstala, tira preconceitos e forma de ver a vida religiosa, os votos...

Hoje, com as meninas de rua, quero sentir-me "irmã", descobrir e construir o Reino na doação e na gratuidade que o Pai nos dá a cada dia.

Sinto fortemente a minha consagração-missão nos desafios, nas incertezas e na fraqueza, minha e das meninas.

A exploração contínua do trabalhador biscateiro, o desprezo, o roubo das mercadorias por não ter autorização de venda, fazem nascer uma santa revolta. A droga, a doença da aids em jovens e adolescentes sacodem a interioridade das nossas opções.

Mais do que nunca me sinto Maria Domingas Mazzarello, João Bosco. Certamente eles estariam bem "metidos" nesta sociedade podre para "sacar" da imundície jovens corajosos, para enfrentar o dragão da morte.

Sinto não conseguir ser salesiana como os meus pais, mas quero, na medida do possível, colaborar, res-

ponder ao que o Senhor me inspira neste momento histórico, quero que as palavras de Jesus continuem me desinstalando: "Eu vim para que todos tenham vida e vida plenamente." (Irmã Maria Guadalupe Lara — Salesiana — S. Paulo.)

— A minha pequena experiência na fronteira com o menino e a menina de rua tem sido uma experiência de contínuo esvaziamento. Não há vitórias aparentes; há, sim, a cruz de cada dia. Cruz imposta a estes pequenos por um sistema tremendamente injusto; partilhamos por alguns momentos, por alguns passos, essa cruz com eles, mas ainda não sei e talvez jamais saiba, o que é carregá-la sem descanso, numa "via sacra" organizada por uma sociedade que exclui os pequenos. São muitas as vezes neste dia-a-dia que a gente se sente pequena e inútil demais, diante do imenso sofrimento imposto aos nossos meninos e meninas.

Mas há uma certeza mais forte: um amor e uma esperança.

Cada vez mais eu sinto que o trabalho na rua exige o profundo respeito àquele que é o "dono da casa". Respeito não em palavra, mas um respeito verdadeiro, uma humildade que é conquista para nós que vivemos enquadrados em esquemas "seguros".

Você pediu uma experiência, vou tentar relatar uma vivida nesta manhã:

Faz dois meses, eram 2 horas da madrugada, o Rodolfo (17 anos), gritando meu nome acorda quase todo mundo aqui no Instituto São José. Desde 1988 nós o conhecemos. Em setembro de 90 ele voltou da FEBEM e decidiu "mudar de vida"; ele era um chamado "menor infrator". Começamos a ter um contato mais freqüente com ele a partir daí.

Naquela madrugada (há dois meses atrás), ele quase foi morto. Afinal, mudar de vida é uma coisa bastante difícil para um rapaz envolvido com cocaína, dependente dela e conseqüentemente portador do vírus da aids.

Com 17 anos, morando na rua, conhecido por todos os policiais militares, sem escolaridade, sem perspectiva de emprego. Como é dependente da droga, vai sempre aos antigos colegas para que eles lhe façam uma "presença".

Isto aconteceu várias vezes, até que naquela noite foi encostado na parede. "Se quiser a 'farinha' vai ter que sair e assaltar com o grupo." Ele se nega e então começa a cobrar pelas vezes que tomou sem pagar. É ameaçado de morte, corre, por sorte escapa do tiroteio que é iniciado... chega assustado, drogado e com uma referência: "Você falou que eu podia te procurar quando precisasse."

E realmente precisava. Como o grupo o perseguia, e ele não tinha onde ir... resultado, fica aqui no colégio.

Graças a Deus, a comunidade o acolheu e tem dado força neste trabalho!

Ele manifesta o desejo de se recuperar; até ser encaminhado, ficou 20 dias conosco. No sábado de aleluia foi para o Frei Hanz... escreveu de vez em quando... tudo parecia ir bem. Hoje chegou de volta inesperadamente. Resolveu voltar, agradece e diz que foi muito bom estes dois meses, porém ele precisa fazer a vida dele.

Volta para a rua. Ele está cheio de boas intenções. Eu acredito nele, porém dentro da gente fica um vazio.

Nós sabemos que não é a história de um menino, não é um dia... isto é a rotina do trabalho de quem olha para fora e presencia Davi enfrentando Golias no cotidiano. E nesta luta desigual estes "nossos" Davis revelam uma coragem tal que anunciam um esquema completamente novo de vida. São eles também que arrombam os muros da nossa segurança, e convertem as nossas estruturas de Vida Religiosa, mostram que os nossos espaços não são nossos, quando a gente assume um mestre que "não tem onde repousar a cabeça".

Na caminhada para a implantação do Conselho, a gente vai percebendo que, na luta pela cidadania de nossas crianças, vai sendo também resgatada a cidadania dos adultos.

Os fóruns vão reacendendo a chama da participação, a necessidade de organização e luta pelos direitos.

As Entidades que até agora desenvolvem trabalhos individuais, vão percebendo que é necessário engajar-se numa caminhada conjunta que estabeleça uma política de atendimento à criança e ao adolescente que realmente corresponda às nossas necessidades de município.

O pessoal começa a entender que a assinatura que deu, tanto na emenda ao texto da Constituição Federal, quanto nas cartas de sensibilização que a gente fez aqui, por ocasião da aprovação do Estatuto, não foi simplesmente "desencargo" de consciência, mas início de uma nova história da qual hoje aqui no município, nós somos protagonistas.

Outra coisa bonita que está acontecendo aqui é que, a partir da organização do Conselho, um pequeno (ainda) diálogo ecumênico começou a se estabelecer. Pela causa da criança e do adolescente os movimentos diversos e as diversas Igrejas já iniciaram um relacionamento mais fraterno; ainda não é o ideal, mas algo já mudou.

Por causa da criança e do adolescente, um clima de maior solidariedade entre as diversas entidades e também entre as diversas Igrejas e movimentos começa a se estabelecer. Daí a gente entende a frase: "a criança não é problema, é solução." (Ir. Vera Lúcia Camerotti — Salesiana — S. José dos Campos, SP.)

O espaço da Convergência é pequeno para colocarmos todos os depoimentos que se poderia obter.

Ficam estes que foram os primeiros a chegar. Mas não podemos esquecer que há religiosos trabalhando com as meninas prostituídas na zona do garimpo ou na cidade. Há religiosos(as) renovando antigos internatos (abrigos) e transformando-os em autênticas casas-lares. Há religiosos(as) dedicados(as) à divulgação através da imprensa, usando sua criatividade artística para ilustrar subsídios populares. Há religiosos(as) abrindo oratórios (centros comunitários) no período da noite, para acolher as(os) adolescentes que trabalham durante o dia.

Seria difícil citar as experiências pioneiras que precederam esta mobilização pastoral e tudo o que hoje vem acontecendo desde Belém e Manaus a Porto Alegre; de Cuiabá e Campo Grande a Salvador e ao Espírito Santo. Citar prêmios recebidos em reconhecimento em certos lugares, e prisões e perseguições em outros.

De qualquer forma, agradecemos o espaço da Convergência e esperamos contar de forma nova com o apoio da CRB. Deixamos nosso apelo às Congregações e aos religiosos abertos à mudança, que se dispo-

nam ao engajamento: há trabalhos no "front" e na retaguarda. Agradecemos aos Superiores pela força que nos dão, de diferentes maneiras. Em momentos particularmente difíceis de solidão e incertezas. Deus é a nossa força. Reconhecemos que muitos de nossos Pastores foram a voz profética que desinstalou nossas Congregações, deu novo vigor a carismas adormecidos e suscitou inúmeras experiências articuladas hoje pela Comissão Nacional da Pastoral do Menor CNBB — Linha 6. Aí atual de maneira profundamente evangélica e eclesial leigos, jovens e casais, religiosos, padres, leigos consagrados, evangelizando com ardor sempre renovado. Há a dimensão ecumênica e a caminhada se faz com os movimentos populares, buscando uma sociedade nova.

Desejamos que assim gradativamente a Igreja se converta à criança e pela criança. Ficamos no aguardo de uma palavra do Magistério (uma encíclica do Papa, quem sabe) que consagre historicamente o compromisso com os pequenos e adolescentes empobrecidos nesta década, passagem de esperança para um novo século.

NOTAS

(1) Pe. Victor Codina, S.J., "Experiência profética ontem e hoje" in: *A dimensão profética da vida religiosa na nova evangelização*, Cadernos da CRB-7, 1990, p. 32. (2) Pe. Zezinho, SCJ, *Menino, moleque malandro*, Sono Viso Audiovisual Ltda., p. 3. (3) Idem, p. 4. (4) Pe. Victor Codina, S.J., art. cit., p. 32. (5) Foram palavras de Cristo: Cf.

Lc 23,40-43. (6) CNBB — Doc. 41. Edições Loyola — São Paulo, 1988, p. 197 e 198. (7) Texto CF/87 — CNBB, p. 66 — Edição Fórmula Gráfica e Editora. (8) Texto CF/87, p. 45 (o grifo é nosso). (9) Razão — religião — amor é o tríplice educativo de São João Bosco — Educador. □

IRMÃO VICENTE CAÑAS — KIUXI

A MORTE PELA VIDA DOS ÍNDIOS

*Vicente Cañas nasceu em Albacete, Espanha,
dia 22 de outubro de 1939.*

"Convertiu-se" quando estava em Valencia.

*Entrou para o Noviciado
em 1961. Sua morte sela o martírio de sua vida.*

Pe. Bartolomeu Meliá, S.J.

O Irmão Vicente Cañas morreu. Assassinado. Seu cadáver foi encontrado no dia 16 de maio por seus companheiros de missão que foram visitá-lo, preocupados por não terem notícias suas por tantos dias. Ele estava junto à barraca que lhe servia de alojamento e depósito em suas idas e vindas até a aldeia dos índios *Ena-wenê-nawé*, que fica ainda a uns 60 quilômetros, rio acima. Deitado sobre o solo, com a cabeça inclinada para a esquerda como quem quer beijar aquela terra de seu amor e de sua luta. Nu (para nós), porém enfeitado com colares, pendentes, braceletes e pulseiras que usam os *Ena-wenê-nawé*.

O exame médico legal comprovou que a morte foi provocada de forma violenta por um instrumento cortante. É o que mostra uma ferida à altura da boca do estômago.

Antes de ser assassinado terá reagido: uma lente de seus óculos estava quebrada em quatro pedaços, uma de suas sandálias havaianas tinha uma tira rebentada. Logo em frente à porta do barraco estavam caídos os óculos com apenas uma lente e a dentadura inferior postiça. Porém, seus agressores não tocaram em nada, não levaram nada. Fizeram o seu "trabalho" e desapareceram através da selva, silenciosamente, como haviam chegado. Morte de encomenda que procura não deixar rastros. O mandante, talvez um madeireiro que ambicionava entrar nas terras dos índios para tirar madeira de lei, e que via no Irmão Vicente um obstáculo. Mas, apareceram tantos madeireiros e tantos exploradores de terra na região, que fica difícil identificar o possível assassino.

O relógio que Vicente usava parou no dia 08 de abril às 9h30min da manhã. Provavelmente foi assassinado no dia 06. No dia 05, ele falou pelo rádio amador e disse que no dia seguinte subiria à aldeia dos índios. Quando o mataram a lancha já estava carregada com suas coisas e estava dispondo-se a sair.

Outros detalhes, talvez, nunca se saberão, nem se conhecerá o rosto de seus assassinos.

Avisados os índios da aldeia, alguns deles desceram o rio. Decidiram enterrá-lo no lugar onde foi morto, como é seu costume. Com ele enterraram o machado de seu uso; o facão foi jogado no rio. Sua sepultura já está marcada por uma pedra em forma de lápide que o próprio Vicente tirara do rio tempos atrás.

A morte de Vicente coroa sua vida, expressão que neste caso não tem nada de frase feita. Sua morte como mártir, apenas, sela o martírio de sua vida.

Durante quatro anos, de 1978 a 1981, fui seu companheiro de missão. Convivíamos na aldeia com os índios, e para evitar intromissões na rotina indígena, não mantínhamos conversas somente entre nós mesmos. Já na barraca, era diferente. Eram às vezes longos dias de espera, curando-nos de uma gripe, pois não podíamos correr o risco de levá-la aos índios e contagiá-los, ou simplesmente descansando, aproveitando o tempo para ler, escrever cartas, meditar e conversar. E, às ve-

zes, até comentar os sonhos que havíamos sonhado aquela noite, sonhos, às vezes, muito semelhantes.

Suas palavras, seus gestos, suas atitudes são hoje para mim um íntimo *memorial*.

Vicente Cañas, acredito, nasceu em Albacete, dia 22 de outubro de 1939. Pelo que me contava, seu pai foi de tendências anárquicas, e isso sabemos o que significava naquela Espanha da guerra civil. Vicente se "converteu" quando estava em Valência. O padre Vicedo o ajudou a discernir a sua vocação, até entrar no Noviciado da Companhia de Jesus, em 1961. Pediu para ser enviado a um país de missão, e assim veio ao Brasil. Sua primeira "missão" em Diamantino foi a cozinha do Seminário. Porém, em 1969, aconteceu um fato terrível que o introduz definitivamente no mundo indígena, do qual nunca mais iria sair. Os índios chamados *Beijo de Pau* ("lábio de madeira", por causa do enorme disco de madeira que introduzem no lábio perfurado), pouco depois de contactados por indigenistas do Governo, haviam sido contagiados pela gripe trazida por jornalistas irresponsáveis que documentavam a sensacional notícia de "pacificação" desta tribo. De 600 que eram, os índios foram reduzidos a uns 90 em consequência da enfermidade e falta de cuidados. O Padre Iasi, da Missão Anchieta, que já trabalhava com outras tribos indígenas dessa região do Mato Grosso, foi chamado com urgência para prestar ajuda em tão trágicas cir-

cunståncias. Aí o Irmão Vicente foi convidado a trabalhar com ele e cuidar da saúde dos índios que haviam sobrevivido.

De outubro de 1969 a abril de 1970, o Irmão Vicente conviveu com os *Beço de Pau*, em condições sumamente precárias e sentiu de perto o que é ver um povo indígena destruído e aniquilado pelos "benefícios da civilização". Os índios o haviam ganho.

Tendo os índios *Beço de Pau* sido transferidos para outras regiões, o Irmão Vicente passou a conviver com outro povo indígena, os *Paresi*, ajudando-os em projetos econômicos e no fortalecimento da consciência de seus direitos, de sua dignidade e de sua identidade.

Entretanto, tomou parte nas expedições que deram como resultado o contato com um grupo de índios que que até então viviam inteiramente na idade da pedra. Eram os *Mynky*, que na época não contavam senão com 25 indivíduos, contando crianças e velhos, homens e mulheres. Esse primeiro contato se realizou em 1971. Poucos anos depois, em 1974, outra tribo indígena foi encontrada por membros da Missão Anchieta, e aí estava de novo o Irmão Vicente. Pouco a pouco, esses índios, primeiro conhecidos pelo nome de Salumã, porém cujo nome autêntico e próprio é o de *Ena-wenê-nawê*, serão a sua razão de vida e de sua vocação missionária. Os índios o fizeram índio; o adotaram como filho e parente, segundo suas próprias regras de parentesco, o fizeram dor-

mir em suas próprias casas, o fizeram trabalhar com eles no cultivo do milho e da mandioca, o levaram aos acampamentos de pesca, o fizeram participar dos seus longos rituais, de 12 até 18 horas diárias ao longo de semanas e meses. A participação nesses rituais de estrutura bastante complicada e muito variados, segundo as épocas do ano, é o aspecto da vida indígena que mais aparece registrado em seus cadernos de notas quase diárias.

Praticava a religião indígena, como procurei fazer eu mesmo junto com ele, com um respeito total, sem segundas intenções, crendo e confiando em que essa religião era já, enquanto não se dessem as condições de uma evangelização explícita cristã, o sacramento da vida de Deus nesse povo. Nessa religião tínhamos uma experiência de fé sincera e profunda, sobretudo quando víamos que a vida ritual não estava separada da comunhão na comida e na bebida, que não excluía a ninguém e que satisfazia a todos igualmente. O último caderno de anotações do Irmão Vicente está cheio de descrições desses rituais diários, iniciados muitas horas antes de clarear o dia, interrompidos com o sol levantado, quando muitos iam para o seu trabalho na agricultura e pesca e eram retomados pela tarde até alta noite. Fogueiras eram acesas no pátio da aldeia para afugentar as trevas e aquecer quando o frio da noite se fazia sentir na selva.

Os últimos dez anos Vicente os viveu assimilado aos *Ena-wenê-na-*

wé, que na realidade o tinham como um deles. Embora não muito dotado para aprender línguas, criou uma linguagem que lhe permitia comunicar-se profunda e corretamente com eles. Sempre fiquei admirado e quase ciumento, ao ver como atraía a atenção de qualquer grupo, contando muitas coisas com um vocabulário reduzidíssimo; é a sabedoria profética dos sinceros, dos humildes e dos simples, e que falam mais com atitudes do que com palavras.

Acredito conhecer bastante as experiências missionárias no Brasil e em outros países da América Latina. Pois bem, posso dizer, sem exagero, por aquilo que conheço, que ninguém foi tão longe como Vicente no caminho da inculturação. A vida dos *Ena-wené-nawé* tomou corpo nele, para o que o ajudavam suas grandes capacidades físicas e morais, mas, também, uma opção espiritual realmente profética.

O Irmão Vicente era um excelente cozinheiro, enfermeiro de qualidade, mecânico exímio, pescador experiente e bom caçador, e ultimamente se tornara um dentista prático. Fez a sua própria dentadura, e dizem que ele mesmo arrancou alguns dentes seus já irrecuperáveis. Sem dúvida, o Irmão Vicente era um homem fora do comum. Homem de vanguarda que tem de tomar decisões arriscadas e firmes, Vicente nunca deixou de ser um homem livre e autêntico. Radical, porém não radicalizado, mantinha suas opções

fundamentais diante de qualquer autoridade humana. Sua responsabilidade com uma tribo como os *Ena-wené-nawé*, que vive momentos cruciais em seu destino como tribo em contato com o mundo hostil, exigia muita firmeza e constância no rumo iniciado. Na fronteira cultural e religiosa em que vivia, Vicente se entregou de corpo e alma aos *Ena-wené-nawé*. Não tinha duas vidas, nem vestia duas camisas. A prática da religião indígena era sua fé cristã. E isto ele não explicava, senão que vivia com muita simplicidade e sem escrúpulos de consciência.

Embora não fosse antropólogo formado, seus conhecimentos, inclusive teóricos, da cultura e modo de ser dos *Ena-wené-nawé* eram consideráveis. Seus cadernos de anotações etnográficas são de uma riqueza extraordinária, e, oxalá, um dia, possam ser aproveitados devidamente.

Mesmo deste ponto de vista, a morte de Vicente representa uma grande perda; são 15 anos de experiência acumulada e assimilada que facilmente não se recuperam.

É claro que o assassinato do Irmão Vicente tem uma intenção bem definida: quem matou ou mandou matar a Vicente, faria desaparecer, se pudesse, a toda a tribo dos *Ena-wené-nawé* para apossar-se de suas terras e das madeiras de lei que nelas cresceram durante séculos. Seus assassinos têm um rosto; porém, este rosto é mascarado e se esconde, e não faltará quem diga que era ne-

cessário, que um homem morresse para que lá entrasse “civilização e progresso”.

O que está em jogo, agora, é a vida e o destino dos *Ena-wené-nawé*.

Seu natural alegre e extrovertido, brincalhão e confiante, se encontra abalado por essa morte cruel de seu grande amigo *KIUXI* — que era o nome de Vicente na tribo; agora, não querem saber mais de “brancos”, que para eles simbolizam a maldade e a barbárie.

As pessoas que se encarregarem de continuar o trabalho do Irmão Vicente dificilmente responderão às expectativas dos índios e poderão surgir dificuldades.

Os índios poderão ser levados a atacar os brancos que porventura apareçam naquela área, que por sua

vez daria lugar a represálias por parte deles, e na luta desigual — armas de fogo contra flechas — poderia causar um verdadeiro massacre aos índios.

As autoridades do Governo estão prometendo que enfim vão demarcar, em definitivo, a área indígena, o que deveriam ter feito há dez anos.

Esperamos que enfim a morte do Vicente possa “comprar” — porém a que preço! — essas terras tão injustamente ameaçadas e que são a vida do povo *Ena-wené-nawé*.

Não é cômodo ter tido por companheiro de vida e de vocação a um mártir, e um mártir como Vicente; é uma memória que queima por dentro e que exige muito; é uma graça de Deus. □

Vive-se pela morte

Bíblia — “Se o grão de trigo que cai na terra não morrer permanecerá só; mas se morrer produzirá muito fruto”, Jo 12,24.

Leitor — Morrer: limite incontornável que supera toda criatividade. Que mistério! Morrer: condição para liberar a capacidade multiplicadora de vida que cada um possui. Como a vida e a morte estão impregnadas uma da outra! Morre-se na medida em que se vive. Vive-se pela morte de cada momento. No meio das sombras, só o clarão da fé ilumina, consola e sustenta. Morre-se para ressuscitar. E a ressurreição é a vida que não morre mais, vida sem fim, na qualidade e na quantidade (*Pe. Marcos de Lima, SDB*).

MADRE PAULINA, ENCARNAÇÃO DA FÊ DE UMA COLÔNIA DE IMIGRANTES

*Aos 25 de agosto de 1895, a Congregação de
AMÁBILE VISINTAINER (Madre Paulina)
é reconhecida pela Igreja que
autoriza a profissão das primeiras religiosas.*

Ir. Célia Cadorin, LIC
Procuradora da Causa de Madre Paulina

Madre Paulina não é um fato isolado, mas fruto de situações sócio-político-econômico-religiosas quer do Sul-Tirol, dominado pela Áustria, hoje região Trentina da Itália, quer da incipiente Nova Trento da Província (hoje Estado) de Santa Catarina.

É impossível falar de Madre Paulina sem a questão migratória, que marcou sua família: pais, irmãos, avós maternos e vários tios, que deixaram Vígolo Vattaro, localidade vizinha da cidade de Trento, para estabelecer-se nos lotes de terra oferecidos pelo governo brasileiro ao Sul do Brasil.

1 — *Os imigrantes tirolezes* — Assim chamados porque pertencentes ao Tirol. A história do Trentino é uma história de lutas numa terra rica de belezas naturais, mas marcada pela sujeição ao estrangeiro, escassez de chão para cultivar ou de trabalho para ganhar o pão. A tudo isso deve-se juntar uma série de calamidades naturais (doenças das e nas plantações, inundações), que assolaram a região a partir da metade do século passado.

As precárias condições econômicas do mundo camponês italiano, diante do convite, da propaganda e das promessas do governo brasileiro, provocaram em muitos o desejo de partir.

Vígolo Vattaro, de uma população de dois mil habitantes, em apenas um mês: 25 de agosto — 25 de

De: Encontros Teológicos, Revista do Instituto Teológico de Santa Catarina, ITESC, Ano 4, nº 1, 1989, páginas 30-34.

setembro de 1875, assistiu à partida de 130 pessoas agrupadas nos respectivos núcleos familiares. Consequência deste tipo de imigração foi que os novos colonos não se confundiram com os nativos ou outros imigrantes, mas constituíram colônias, onde foram mantidos língua, costumes e religião do lugar de origem. Além disso, tudo era "batizado" com nomes da pátria distante e Capelas eram construídas para honrar os patronos deixados. Assim, surge a Colônia de Nova Trento no antigo "Alferes", com as localidades de Vígolo, Besenello, Valsugana, etc.

2 — *A fé dos imigrantes tirolezes*
— As crônicas da época registram que as famílias tinham um encontro fixo na Catedral (Duomo) de Trento para a Missa, a última oração diante de San Virgílio, e a bênção do sacerdote antes de deixar para sempre a terra natal.

Apesar de serem, praticamente, todos católicos, os emigrantes partiram sozinhos porque os Bispos italianos não permitiam ou dificultavam a concessão de algum sacerdote para acompanhar as levas de italianos que buscavam novas terras, exceto Mons. Giovanni S. Scalabrini com seus Missionários de S. Carlo Borromeo. Além disso, Bispos do Brasil temiam receber sacerdotes italianos porque, muitas vezes, eram imbuídos de idéias revolucionárias.

A falta de sacerdotes foi um dos grandes sofrimentos para os tirolezes de Nova Trento. Na Colônia de Brusque, distante 28 km, havia um só sacerdote: Pe. Alberto Gattone,

alemão, que já em 1876 visitava os Trentinos fixados nos lotes ao longo da estrada entre Brusque e Nova Trento. A primeira missa da Colônia de Nova Trento foi celebrada numa escolinha erguida pelos tirolezes em "Aliança" (hoje, Claraíba), localidade onde se ergueu também a primeira Capela dedicada a S. José. Surgiram logo depois a Capela de Santa Ágata em Besenello, onde Padre Arcangelo Ganarini, que viera de Trento, batizou os filhos dos primeiros colonos.

Famílias provenientes de Vígolo Vattaro construíram em Vígolo uma Capela dedicada a S. Jorge, patrono de sua terra natal.

Na sede — Nova Trento — a igreja foi dedicada a S. Virgílio, bispo e mártir e padroeiro de Trento, sem falar das Capelas de Santo Antônio no Salto Baixo, de S. Roque, etc.

Essas capelas são prova da fé dos imigrantes, que Pe. Giovanni Maria Cybeo, na carta ao Pe. Geral da Companhia de Jesus, em 1878, assim descreve:

"V.P. saberá da numerosa emigração de camponeses Italianos para a América, particularmente para o Brasil. Somente nesta Província de Santa Caterina (sic) se estabeleceram, ultimamente, quase 14.000 entre Tirolezes, Lombardos e Vênetos; cada dia estão aumentando mais e já formaram lugarejos e entre esses, qual capital, Nova Trento. Quanto ao temporal, em geral, não

se podem lamentar, mas para o espiritual, acostumados na Itália a Igreja, sacerdotes e instrução, máxime para as crianças, aqui, assim dispersos entre os matos e montanhas, longíssimo da Igreja e com raríssimos sacerdotes (e estes ocupados também com muitíssimos Brasileiros e Alemães), os pobrezinhos se encontram desesperados, arrependidos de ter vindo e pedem ajuda e propriamente pode-se dizer deles "jacentes sicut oves non habentes pastorem"! — E para os grandes, com a religião viva que trazem da Itália, sendo quase todos pobres camponeses, o caso não é tão triste. Os que devem ser mais compadecidos são os jovens e meninos pelos quais... tem-se tudo para temer pelo futuro, isto é, que não se transformem, como tantos outros, aqui, em cristãos indiferentes, ignorantes, dados aos vícios (...).

Há três meses nos encontramos em missão entre estes pobres Italianos percorrendo diversos vales (...) Já pregamos em 12 capelas, ou seja cabanas de madeira e ramos, onde 200, onde 400, onde mais de 600 confissões, como ultimamente em Nova Trento, numerosas primeiras comunhões, devotas procissões, missas cantadas e doentes em grande número, que tiveram a consolação de receber os Sacramentos.

Depois de Pentecostes interrompemos por um pouco esta missão para ir a Desterro, onde se encontra em visita o R. P. Cocumelli, Superior. Pareceu-nos uma verdadeira providência ter ele tardado em vir,

por causa das febres amarelas, porque assim pudemos ser testemunhas de vista da extrema necessidade espiritual que tem estes pobres Italianos tão numerosos, e do lugar e vales em que estão distribuídos, e contar ao P. Cocumelli do vivo desejo que todos têm que se estabeleça uma casa de missionários no meio daquela Colônia (...). O lugar mais preparado (apropriado) para Residência parece ser Nova Trento" (1).

Esta carta foi providencial, porque, a 14 de dezembro de 1879, chegavam a Nova Trento os primeiros Jesuítas da província romana. O zelo da glória de Deus e a salvação das almas, levou os jesuítas a estabelecer:

— missa na sede e nas diferentes valadas;

— catecismo aos domingos: uma hora para os adultos e uma hora para as crianças, com bênção do Santíssimo no fim;

— incentivo às devoções ao S. Coração de Jesus, a Nossa Senhora, S. José, Almas do purgatório;

— visita aos doentes;

— exercícios espirituais ao povo que, de manhã cedo, antes de clarear o dia e, à tarde, ao escurecer, acorria para ouvir a Palavra de Deus;

— Pia União das Filhas de Maria, Apostolado da Oração, Ordem Terceira de S. Francisco de Assis, Associação da Boa Morte;

— Coral e banda de música sob a direção do Pe. Angelo Sabbatini.

É claro que a vida religiosa dos imigrantes tornara-se outra: "Eu estou aqui entre Tiroleses, a melhor gente do mundo (...). Parece mesmo um outro mundo esta Nova Trento" (2) assim escrevia Padre Luigi Maria Rossi em 1895.

3 — *A terra deu o seu fruto* — Causaria maravilha se um terreno regado pela fé e pela piedade não produzisse frutos.

Os imigrantes não podiam deixar de trazer consigo a laboriosidade, a coragem, a fortaleza, o amor à família e aos antepassados, que hoje como ontem caracterizam as famílias dos Trentinos. Entre elas estava a família de Napoleone Visintainer e Anna Pianezzer, que transmitiram esses valores aos filhos: Ernesto, AMABILE, Domenica, Luigi, Giuseppina, todos nascidos em Vígolo Vattaro.

Napoleone, pedreiro de profissão, era homem de fé profunda, cristão praticante, membro ativo da Ordem Terceira de São Francisco. Anna, que pertencia à Confraria do SSmo. Sacramento, além dos trabalhos domésticos, cultivava um pequeno campo e, à noite, fiava e tecia linho ou algodão para vestir a família sempre mais numerosa.

Em Vígolo de Nova Trento, os dias eram passados na derrubada da floresta, na preparação do terreno, plantio de milho, mandioca, hortaliças e frutas, bem como na educa-

ção dos filhos nascidos no Brasil: Mansueto, Manoel, José.

O verde das montanhas e a água cristalina dos riachos serviam de moldura à paz da família de Napoleone, que vivia do trabalho e em grande piedade, quando a morte arrebatou a senhora Anna com apenas 47 anos. Amábilis, como mais velha das meninas, assumia a direção da casa e a educação dos irmãos.

Com esses pressupostos ambientais e familiares, não é fácil entrever o fruto: Amábilis, já em Vígolo Vattaro e sobretudo em Vígolo de Nova Trento, chamava a atenção pela sua bondade, caridade, piedade e amor ao trabalho, notas que se acentuam à medida que passam os anos até se tornarem as marcas de sua fisionomia espiritual. "Vivia somente para o trabalho e para a oração" (3), assim define e escreve Ir. Domingas do Paraíso, testemunha do Processo Informativo.

Amábilis trabalhava em casa, no campo e no moinho de fubá (atafona) montado por seu pai, Napoleone e por Francesco Nicolodi, quando um dia, Padre Augusto Servanzi, superior da "Residenza" de Nova Trento, confiou a ela e à sua amiga, Virginia Nicolodi, um encargo como um tríplice mandato:

"Tenho uma missão a dar-vos e desejo que a desempenheis com amor e diligência; confio-vos o catecismo às crianças, a limpeza da capela de S. Jorge e a assistência aos enfermos" (4).

Este mandato, constituiu para Amábile e Virgínia, de apenas 15/16 anos, o início de uma vida apostólica. Assustadas, mas encorajadas por Padre Servanzi, assumem e levam avante o encargo recebido, acrescentando outras iniciativas apostólicas.

“Além dos trabalhos que dissemos, nos queriam também incumbir, como de fato fizemos, de vestir de branco algumas meninas, e formar uma pequena legião de meninos chamada dos guerreiros de São Jorge, para chamar a proteção do glorioso Martyr sobre estas crianças.

Seja dito à maior glória de Deus que a atividade de nós duas teve por resultado o grande aumento da devoção e a frequência dos santos Sacramentos em Vígolo. Saíamos em romaria com o povo todas as primeiras sextas-feiras do mês, percorrendo a pé os cinco quilômetros que nos separavam de Nova Trento. Um dos fins destas romarias era fazer a Comunhão reparadora.

Durante as romarias não se falava, mas rezávamos o terço com a ladainha de nossa Senhora, e depois cantávamos hinos ao Coração de Jesus.

Fomos também destinadas a tomar conta da Capelinha de S. Jorge como sacristãs, e neste serviço procuramos de esmerar-nos o mais possível: trabalhamos as duas juntas para limpar tudo, fazendo flores, toalhas e ornamentos para as festas, pedindo tudo de esmola das pobres famílias (sic) que nos cercavam” (5).

Animadas pelo Padre Superior, as duas jovens visitam os doentes de Vígolo e seus arredores. Era uma incumbência mais que urgente, necessárrima, para doentes distantes de qualquer centro, sem hospital, sem médicos. O clima diverso, as pobres habitações de táboas, os insetos e cobras da floresta, a fome, a miséria, as saudades, eram causa de não poucas doenças e de muitíssimas mortes.

O trabalho apostólico durante quase dez anos fez nascer entre os conterrâneos de Vígolo a admiração e o respeito para com Amábile e Virgínia, ao ponto de ser-lhes confiado um serviço especial: o cuidado de uma pobre cancerosa, Madre Matilde (Virgínia Nicolodi) na “História da Congregação” precisa:

“Surgiu então em várias pessoas que se interessavam pela doente, a idéia de que éramos nós duas as únicas que deviam-se sacrificar por ela tomando-a conosco, que ainda não tínhamos casa alguma, para servi-la em tudo — Tendo esta idéia tomando vulto, nos foi definitivamente oferecida a infeliz criatura, e nós a aceitamos com grande consolação, esperando com uma certa segurança de que este era o meio empregado por Deus para sair de uma vez da casa de nossos pais para ficarmos unidas no exercício da oração e da santa caridade” (6).

Desta como investidura do povo cristão, começa a obra de Amábile Visintainer, que algum tempo antes já insistia com Virgínia, dizendo-lhe:

Por que não podemos nós fazer uma casinha unida à nossa pequena capela, e deixando a nossa família recolher-nos nela para tratar só de rezar, trabalhar e cultivar o espírito de outras meninas?" (7).

A idéia de Amábile torna-se realidade aos 12 de julho de 1890, quando, com a ajuda do pai, Napoleone Visintainer, é recolhida no casebre de 24m² a mulher doente de câncer, que depois de quase dois meses de sofrimentos e ter-se reconciliado com Deus, morreu assistida por Amábile e Virgínia.

No casebre de 6x4m transformado em capela, uma placa recorda: "Aqui morreu a cancerosa e nasceu a Congregação".

4 — *Vida apostólica do nascente Instituto* — As duas "enfermeiras" — assim chamadas pelo povo — abriram a porta do casebre, que os vigolanos batizaram de "Ospedaletto San Vigilio" (Hospitalzinho S. Vigilio), para receber meninas órfãs ou pobres para educar, bem como, senhoras idosas e abandonadas ou doentes.

No casebre de Vígolo emerge o CARISMA da nova Congregação, nascida nos matos, onde a Igreja é o centro e o coração de uma população de pobres imigrantes, mas portadores todos eles de uma fé firme e profunda.

Amábile e Virgínia, com a nova companheira, Teresa Maule, depois de quatro anos de apostolado em Vígolo, em fevereiro de 1894, segun-

do sugestão do superior da Missão dos Padres Jesuítas, passam para Nova Trento, onde o campo de ação é maior e podem expandir seu zelo a partir da Igreja Matriz.

"Nos meses seguintes de 1894 continuamos a ir nos domingos a Vígolo, para o catecismo das crianças, e reunião das Filhas de Maria, e também para as procissões, e outras práticas devotas; e tudo isto naturalmente servia para manter o povo em grande fervor espiritual.

(...) Passados alguns meses, depois de nos termos estabelecido em Nova Trento, (...) ensinávamos um pouco a ler, e especialmente a doutrina cristã e a fazer os serviços, que devem as boas filhas de família.

Também ensinávamos piedosos cânticos e nos tempos livres as exercitávamos, para depois cantarmos juntamente com o povo na Igreja" (8).

Aos 25 de agosto de 1895 a obra de Amábile é reconhecida pela Igreja: Dom José de Camargo Barros não só deu a sua aprovação ao Instituto como autorizou a escolha do nome da Congregação e a profissão religiosa de Amábile e de suas companheiras. Amábile passou a se chamar Irmã Paulina do Coração Agnizante de Jesus.

O chamado "conventinho" cresce em número de pessoas e em necessidades. Trabalhavam em casa, na roça, na escola, além do apostolado em Vígolo e em Nova Trento. Eram

bóias-frias nas plantações à meia, sem contar as privações e sacrifícios da pobreza em que vivem, levando Madre Paulina a fundar a primeira fábrica de tecidos de Nova Trento para sustento das suas obras e ajuda do povo, especialmente a juventude feminina.

Como síntese, transcrevemos um trecho da carta do Pe. Giovanni Maria Cybeo ao Padre Provincial, em janeiro de 1903:

"Foram sempre crescendo em número e virtude, e pode-se dizer em santidade, com dons particulares do Senhor. São a edificação do lugar pela sua modéstia, virtude e obras de zelo, e entre pobres camponesas que nunca saíram destas colônias é coisa de se admirar.

Dão aula e catecismo às meninas; assistem também mulheres doentes, vivem de tecidos e outros trabalhos, também da roça e de esmolas. Em Nova Trento têm o noviciado, e a seis quilômetros, junto à Gruta de Lourdes, um orfanato e pequeno educandário proporcional ao lugar. *A superiora tem tino e virtude particular.*

(...) Elas rezam continuamente por nós e pela Companhia.

(...) Recomendo-me muito às suas orações e SS.SS.

e sou de V.P.

Infimo in X.t

G.M. Cybeo Sj.

Nova Trento, 25 de janeiro de 1903" (9).

5 — *Apostolado no Brasil e no exterior* — Em 1903, Madre Paulina, sob conselho do Padre Luigi Maria Rossi, deixa Nova Trento para assumir em São Paulo um trabalho inédito: atender aos filhos de escravos e velhos ex-escravos abandonados, que o Dr. José Vicente de Azevedo queria socorrer no Alto do Ipiranga. Surge então o chamado "Asilo Sagrada Família", hoje Educandário, que ainda acolhe, sobretudo, meninas de cor, e atualmente abriu suas portas aos pobres da vizinha favela.

Em 1905, Madre Paulina, a pedido do Bispo de São Paulo, D. José de Camargo Barros, aceita a direção da Santa Casa de Misericórdia de Bragança Paulista, que será a primeira das muitas dirigidas pelas Irmãs.

Em 1934, Madre Paulina teve a alegria de ver suas filhas seguirem animadas para trabalharem com os Padres Jesuítas nas missões do Mato Grosso.

Por ocasião da morte da "Veneranda Madre Fundadora", 9 de julho de 1942, a Congregação contava com 47 comunidades: 17 a serviço dos doentes pobres, 1 para os tuberculosos pobres, 7 para inválidos ou anciãos pobres, 1 para sacerdotes idosos e doentes, 4 para órfãos, 5 como escola, 2 nas missões de Mato Grosso, 1 para a catequese em Florianópolis. Nota-se que o acento está nos doentes, nos inválidos e órfãos. Não são obras de re-

nome ou de luxo. As palavras "pobres" e "inválidos", na síntese das Casas do ano de 1942, aparecem 24 vezes — sinal evangélico e digno de Madre Paulina, que iniciou sua obra na pobreza absoluta para atender aos mais necessitados.

Depois da morte da Madre Paulina, a Congregação das Irmãzinhas da Imaculada Conceição continuou no mesmo caminho... Depois de Medellin e Puebla, as Irmãezinhas começaram um trabalho de inserção entre gente pobre e marginalizada, especialmente no Nordeste, Centro-Oeste e Extremo-Oeste do Brasil, onde muitas vezes são o único sinal de Igreja, em regiões onde o Sacerdote pode chegar apenas de quando em quando.

Nos últimos anos a Congregação deu os primeiros passos em direção a países mais longínquos: em 1978 abriu uma Casa em Vígolo Vattaro, terra natal da Fundadora, que foi um impulso para em 1981 ir à Nicarágua e à Argentina e, em 1985, ao Chade, na África.

Se Madre Paulina é, de fato, a *encarnação da fé de uma colônia de imigrantes em Santa Catarina*, é importante preservar sua memória entre nós. Possa o seu exemplo iluminar não só suas filhas espirituais, as Irmãzinhas da Imaculada Conceição, mas também a juventude catarinense, os nossos jovens e nossas jovens, para que, a seu exemplo, descubram e vivenciem a velha e nova alegria — a de servir.

NOTAS

(1) Cf. Carta do Padre Giovanni Maria Cybeo ao Padre Piëtro Beckx, Prepósito Geral da Companhia de Jesus: 24 de junho de 1878 — ARSI, "Bras. C. 1001 — III, 18". (2) Cf. Carta do Padre Luigi Maria Rossi à Suor Angélica, abadessa do "Monastero Corpus Domini" de Forlì (Itália): 9 de março de 1895, in "Lettere Edificanti dei Padri della Compagnia di Gesù della Provincia Romana", Tipografia Poliglota da S.C. Propaganda Fide, Roma, 1897, pp. 96-97 - APRSI. (3) *Summarium*, p. 143 n.

(4) Cf. M. DOROTEIA, *História da Congregação*, I Parte, p. 7 - ACIIC. (5) Cf. M. MATILDE, *História da Congregação*, pp. 30-31 - ACIIC. (6) *Ibidem*, p. 46. (7) *Ibidem*, p. 39. (8) *Ibidem*, p. 141 e 142. (9) Cf. Carta do Padre Giovanni Maria Cybeo ao R. P. Provincial: 25 de janeiro de 1903, in "Lettere edificanti dei Padri della Compagnia di Gesù della Provincia Romana", Tipografia Artigianelli S. Giuseppe, 1906, pp. 43 a 49 - APRSI. □

Como superar as divisões?

Somente tornando-se missionária a comunidade cristã conseguirá superar divisões e tensões internas e reencontrará a sua unidade e vigor de fé, *Redemptoris Missio*, nº 49.

INÁCIO DE LOYOLA, FUNDADOR E INOVADOR

*"Uma imensa certeza o submerge (a Inácio):
seus companheiros e ele estão para
sempre associados ao Cristo carregado com sua cruz...
Ele guarda, tesouro sem preço, a certeza inabalável:
nós somos associados ao Cristo carregado
de sua cruz, o Pai nos é favorável, somos
para sempre os servidores de Jesus", Hugo Rahner, SJ.*

Pe. Paulo Lisboa, SJ
Rio de Janeiro, RJ

INTRODUÇÃO

Não tenho a pretensão de apresentar toda a extensão que mereceria o tema, neste artigo que tem o seu limite de tamanho.

Por isso mesmo, muito simplesmente, procurarei apresentar a figura de Inácio de Loyola, como pessoa sinceramente aberta à ação do Espírito Santo e profundamente ligado às inspirações e moções d'Ele. Desta sua atitude fundamental, nascerá a Companhia de Jesus como ordem religiosa, diferente das outras da época, e prenhe de um elan renovador na e para a vida da Igreja.

Para se compreender este caminho no Espírito até a aceitação

desta sublime missão, correspondendo à temática propriamente dita — o fundador e o inovador —, achei importante apresentar, inicialmente, uma visão eclesial mais global, particularmente o contexto da vida religiosa à época da fundação da Companhia de Jesus.

1. A VIDA RELIGIOSA, NO CONTEXTO ECLESIAL DA ÉPOCA DA FUNDAÇÃO

1.1. O contexto eclesial

Estamos em plena era da cristandade, a Igreja católica buscando, a todo custo, conservar a sua tradição secular de unidade monolítica. Contudo, já há algum tempo que a coesão de princípios doutrinários e mo-

rais vem se manifestando com muitas brechas (1). Por aí vai sendo minada a essência mesma do anúncio evangélico. O ideal das bem-aventuranças, vivido num serviço humilde e a toda prova, já desde o século XIII vem se deteriorando. A Igreja sofre as influências maléficas da Renascença.

Por volta do tempo da Quaresma e Páscoa de 1539, Inácio de Loyola já em Roma, após longos 10 anos de estudos eclesiásticos, decide, com o núcleo dos nove companheiros de Roma (2), deliberar sobre a formação de uma nova ordem religiosa. Nesse tempo, Lutero há quase vinte anos havia levantado a bandeira da insurreição, em vista de uma suposta reforma no seio da Igreja Católica. Esta responderá às primeiras repercussões da doutrina de Lutero e de Calvino com o Concílio Tridentino (1545), do qual já participarão dois jesuítas (3).

Nesta tentativa reformadora da Igreja, da qual participará a novel Companhia de Jesus, um fenômeno ressaltava entre outros: a ligação profunda e apertada entre política e religião. A hierarquia eclesial na Europa estava muito atrelada à vontade dos príncipes temporais, até chegar a ser um princípio de fato, o adágio que marcou essa época renascentista: "cujus regio, ejus religio" (tal religião, tal rei). Isso, que influenciou muito o tipo de evangelização da época, terá repercussões no modo como Inácio se relacionará com os príncipes.

O historiador André Ravier, S.J., mostra a imensa distância entre nobres e plebeus nesta época, qual um fosso intransponível (4). Apresenta três causas para essa miséria popular de tamanhas proporções:

1 — A acumulação do dinheiro nas mãos dos ricos que se tornaram cada vez mais ricos, por causa do sucesso de empreendimentos comerciais na descoberta de novas terras.

2 — A flagrante diferença de instrução: o rico podendo ter acesso ao melhor da cultura, enquanto o pobre continuava carecendo de qualquer tipo de saber.

3 — A completa falta de catequese, particularmente popular. A causa não estava apenas naquela distância em si, mas na quase nenhuma formação do Clero; é claro que isso teve então conseqüências desastrosas, uma das quais muito sentida naqueles tempos, isto é, todo o tipo de superstições e que levaram à célebre "caça às bruxas".

1.2. A Vida Religiosa neste contexto

Numa situação eclesial periclitante como a que sintetizamos acima, pode-se imaginar muito bem que a Vida Religiosa como instituição e nos seus diversos carismas particulares, ia sofrendo e ressentindo-se bastante. O ideal primitivo dos fundadores já estava longe e aparecia muito caricaturizado.

Por um lado, havia não poucos mosteiros e conventos que deixavam

muito a desejar, porque faziam transparecer abertamente o descuido da Regra estabelecida (5). Por outro, algumas instituições religiosas, a duras penas, procuravam manter-se fiéis às Constituições e Normas aprovadas pela Sé Romana caprichando, por excesso e como reação à crise geral, numa estrita observância legal. Observantes e não observantes, mas todos vivendo dos benefícios de uma vida agradável, dividida entre o estudo, a oração coral e o trabalho manual, tipicamente monacal e conventual, sem nenhum ou pouco dinamismo apostólico.

Entrava-se na Vida Religiosa não mais com o intuito e o desejo sincero de viver em pobreza no seguimento de Jesus, mas simplesmente para desfrutar dos bens espirituais e materiais de uma Ordem ou Instituição, assegurando com isso a maior certeza da salvação pessoal. Salvo raríssimas exceções, como a de alguns grupos de franciscanos e dominicanos, o religioso e muito mais a religiosa nessa época, quase não saía do convento para missionar (6). A Vida Religiosa, encerrada nos muros desses grandes conventos, era toda ela mais de linha contemplativa, menos comprometida com a vida e as exigências do "século".

Esta imagem negativa do que não deveria ser o ideal de vida consagrada, Inácio de Loyola foi formando e configurando, como dura realidade a ser convertida. Contudo, não deixará de sentir repugnância natural quando, reunindo os primeiros companheiros, ele mesmo se

colocar a questão de permanecerem juntos, como religiosos. Se, futuramente, vai perceber que é pela via da Vida Religiosa que o Senhor os quer unidos, isso será de uma forma e feição novas, consequência do apelo interno seu e de seus companheiros de uma conversão radical de vida evangélica.

É isso que verá confirmado como desejo de Deus em março e meados de junho de 1539. Estes quase quatro meses de grande "Retiro", ficou guardado tradicionalmente na família jesuítica como o tempo da "Deliberação dos Primeiros Padres" (7). Já que Inácio e seus companheiros perceberam que Deus não os queria juntos numa viagem à Terra Santa, mas espalhados pelo mundo, como sentir melhor esse querer de Deus? A grande questão que devem responder nestes meses será: "Mesmo dispersos pelos quatro cantos do mundo, como manter-se-ão unidos?" (8).

2. O CARISMA DE FUNDADOR

2.1. De que carisma se trata

Dentre os diversos dons do Espírito relacionados pelo apóstolo Paulo na carta enviada aos Coríntios (9), não consta formalmente o do carisma específico de fundador, até mesmo porque a Vida Religiosa só aparecerá muitos anos mais tarde. Contudo, pode-se dizer que aqueles que serão escolhidos por Deus para esta missão particular, devem estar revestidos pelas características de várias destas manifestações, como por

exemplo, as três primeiras ali expressas: a mensagem da Sabedoria, a palavra da Ciência e o compromisso da Fé. Sem dúvida alguma, este fundador, homem ou mulher carismática, deverá estar revestido de grande Caridade, já que este é o grande Dom, unificador de todos os outros, manifestação mais plena do Espírito de Deus (10).

Este carisma de fundador é, portanto, uma escolha e uma unção da parte de Deus, chamando e convidando este homem e esta mulher particular a uma resposta de generosidade heróica. Deus primeiramente, no seu desígnio de amor, escolhe estes homens e mulheres numa certa e determinada época, concedendo-lhes ao mesmo tempo uma força espiritual aglutinadora e unificadora muito particular. À resposta inicial de abertura ao Dom por parte destas pessoas carismáticas, o Senhor continuará acompanhando, com a mesma unção primeira, os passos ainda indecisos de busca e de fidelidade à uma luz sentida, destes futuros fundadores.

Pouco a pouco, estas pessoas vêem-se rodeadas de companheiros e de companheiras, desejosos de se reunirem definitivamente como grupo de amigos ou de amigas e com um objetivo comum, de busca do seguimento mais radical de Jesus.

2.2. Reconhecimento do Carisma

A manifestação mais clara do carisma de Fundador de um Instituto Religioso, é marco importante no

processo de uma Fundação. Momento de reconhecimento de um impulso irresistível para congregar pessoas, tem o seu clímax, quando a pessoa em questão, movida pelo seu grupinho inicial, sente uma necessidade imperiosa de institucionalizar o movimento pessoal, antes incipiente e agora muito mais forte.

Neste movimento, como se percebe, o grupo que está sendo constituído joga um papel muito importante. Os membros que ainda não são numerosos, mas já muito coesos em torno de uma idéia central e de uma prática evangélica, animam o(a) líder que os reuniu, a continuar discernindo. Este pequeno grupo, pois, não deixa de ser uma referência confirmatória imprescindível. É Deus já se manifestando, embora muito tenuamente, nestes companheiros e companheiras.

O desejo de institucionalização, constantemente renovado e corajosamente perseverante, mesmo em meio às maiores dificuldades que se apresentam, já é um indício claro e seguro da presença de Deus que está confirmando. Isso, pouco a pouco, vai se traduzindo na necessidade urgente de esboçar uma primeira "Regra de Vida", para ser apresentada e aprovada pelo Magistério Supremo da Igreja.

Exteriormente, parece-me que o ponto alto do reconhecimento confirmatório do carisma de Fundador, coincide com a aprovação, por parte da Hierarquia eclesiástica, do esboço daquilo que, mais tarde, serão as Constituições de um novo Instituto

religioso. O Código de Direito Canônico ainda hoje, chama de "ereção canônica" àquela aprovação por "autoridade competente da Igreja". Esta mesma legislação atualizada, ao aceitar que determinado grupo de fiéis, "una-se de modo especial à Igreja e a seu mistério" (11), ou quando lembra a conservação do "patrimônio de um Instituto" (12), parece-me que já está também abençoando o carisma fundante de um(a) determinado(a) líder espiritual.

O que vim apresentando acima, são manifestações exteriores de confirmação. Todos estes sinais externos, devem ir coincidindo com o movimento do Espírito, que repercute no interior do novel fundador. Este, natural e sobrenaturalmente, continuará sentindo um apelo irresistível de ir em frente, na obra iniciada. Tais movimentos e manifestações devem ser conferidas e objetivadas no diálogo com uma outra pessoa espiritual, de fora do grupo interessado. Esta conversa, durante todo o caminho percorrido, ajuda a objetivar e tornar mais claros os verdadeiros sinais de Deus. Como em todo o discernimento espiritual, também aqui é imprescindível este recurso a um(a) Orientador(a) Espiritual.

Assim como é o Espírito que está animando todo este processo de reconhecimento, será também Ele que assegurará, no momento certo, a validade desta verdade transcendente, pela concessão de sua alegria e paz irradiantes e permanentes (13).

2.3. Inácio, fundador

Antes de mostrar que o Padre Inácio chegou a reconhecer um chamado especial de Deus para fundar a Companhia de Jesus, conforme o caminho discernitório descrito acima, é importante dizer rapidamente que ele não teve propriamente pretensão de ser fundador de uma Ordem, até meados de 1534. No tempo de seus estudos em Paris, a ele se reuniram alguns estudantes, companheiros de quarto ou de escola, que, à força de contínuos contatos e conversas espirituais, foram solidificando uma amizade profunda no Senhor, a quem se propunham seguir. Inácio era o "guru" deste grupinho que, em inícios de 1534, compunha-se de seis pessoas: Pedro Fabro, Simão Rodrigues, Francisco Xavier, Diogo Lainez, Afonso Salmerón e Nicolau Bobadilla. Segundo a narrativa do historiador Dalmases, havia em todos eles, por esse tempo, a "idéia do serviço divino... inculcado durante os Exercícios". Tal ideal de vida era "fortalecido na oração, na recepção dos sacramentos, Confissão e Eucaristia, bem como os próprios estudos que, sendo agora de teologia, os levaram a aperfeiçoar o seu conhecimento de Deus (14). Portanto, nada mais do que um grupo que se propõe buscar unido, a vontade divina, no seu serviço.

Contudo, no momento em que se decidem depor ante Deus, como voto especial, o projeto já mais amadurecido de viverem seguindo Jesus em pobreza, se possível vivendo

juntos na Terra Santa, começa a se concretizar aquilo que alguns anos mais tarde será a Companhia de Jesus. Esse evento é conhecido como o voto de Montmartre, emitido na capela do mesmo nome, em Paris, a 15 de agosto de 1534. Pode-se dizer que neste momento Inácio já está percebendo que Deus o chama para algo de especialmente novo na Igreja, com estes companheiros.

Quase três anos mais tarde, a 08 de janeiro de 1537, encontram-se em Veneza, última etapa de uma viagem a Roma, onde esperam obter licença papal para a peregrinação à Terra Santa e ordenação sacerdotal. Embora com a licença e a bênção papal, eles jamais conseguirão chegar à Palestina, pois durante mais de um ano esperando, não zarparam navios para lá. Este acidente será captado por todos como um sinal de Deus para pensarem em outros empreendimentos e então se propõem, já como sacerdotes, a se espalharem por algumas cidades italianas, pregando o nome de Jesus. Foi então que acertaram que, àqueles que lhes perguntassem sobre quem eram, responderiam serem da companhia de Jesus, em minúscula, apenas como uma de tantas associações piedosas da época.

Coube a Inácio, Fabro e Lainez missionar na cidade eterna. Quando próximos de Roma, dá-se um fato extraordinário, consignado e sentido pelo próprio padre como uma "visão": decisiva e que, proximamente, repercutirá na fundação da Companhia de Jesus, então sim, como uma

nova Ordem religiosa. Trata-se do fenômeno místico de La Storta, descrito sucintamente pelo Pe. Luis Gonçalves da Câmara, redator da Autobiografia do santo (15). Sentiu-se então profundamente unido a Jesus Cristo, levando sua cruz às costas, como que lhe fazendo um convite mais forte para estabelecer um projeto de vida comum de seguimento. Vejo aí o instante em que Inácio acolhe o Dom carismático de uma próxima fundação.

Esta, no entanto não se dá imediatamente. Era necessário ainda que Inácio e o grupo dessem alguns passos importantes neste caminho discernitório. Vejamo-los sucintamente:

a) — Primeiro passo — Acolhimento papal.

Primeiramente, já que se tornara impossível a tão suspirada peregrinação, o grupo deveria se apresentar ao Papa, colocando-se à sua disposição, conforme a promessa feita no voto de Montmartre. Paulo III, então Papa, alegrou-se muito com este oferecimento e abençoou o grupo para os empreendimentos futuros na mesma cidade de Roma, onde estiveram reunidos numa casa, por um ano aproximadamente.

b) — Segundo passo — As questões sobre a continuidade.

Contudo, não levou muito tempo para que estes incansáveis apóstolos, percebessem que seriam requisitados para outros lugares e regiões, fora de Roma e da Itália. Surge então uma questão séria, que le-

va o líder do grupo a convidar todos para uma busca de solução, diante de Deus. Como iriam às missões confiadas a eles pelo Santo Padre: como pessoas particulares ou como membros de um grupo? E se fossem assim associados, obedeceriam a um do grupo, que seria o superior dos demais? Era o momento definitivo de verem se Deus queria fazer do grupo uma Ordem religiosa.

c) — Terceiro passo — A busca comum.

No início deste artigo já disse uma palavra sobre esta busca. Foi um longo trabalho de discernimento ou de “deliberação comunitária”, e que teve o seu término a 24 de junho de 1539. As questões, embora complexas e por isso mesmo exigentes de tempo, alcançaram consenso e decisão unânimes do grupo. Rapidamente, viram muito claro que Deus os queria unidos, dando continuidade a um projeto inicial. Tardou um pouco mais a resposta positiva à questão da obediência; porque foi necessário aplicar o complexo processo da “Eleição”, contido no livrinho dos Exercícios Espirituais (16).

d) — Quarto passo — Oferta e Celebração.

Antes mesmo de começarem a se dispersar, obedecendo às missões papais, quiseram selar as duas principais decisões tomadas, em cerimônia litúrgica solene, na qual se pôde perceber o sentido da “oblação” ou oferta, que, para Inácio é reconhecimento do dom de uma escolha

divina. No caso, ele e os companheiros, reconheciam-se escolhidos para constituírem o primeiro núcleo da Companhia de Jesus.

e) — Quinto passo — Confirmação eclesial.

Logo após estas deliberações, o grupo confia a Inácio a redação da primeira “Fórmula do Instituto”. Trata-se de uma apresentação renovada à “Regra” das antigas Ordens Religiosas. Este trabalho, composto para aprovação papal, contém em síntese, o pensamento do fundador (17). Quando Paulo III, acabada a leitura desta Fórmula, exclamou: “Está aqui o Espírito de Deus”, creio que já está confirmando, embora ainda reservadamente, o desejo de Deus sobre Inácio de Loyola e seu grupo, como seguidores e companheiros de Jesus.

Deste ponto em que chegamos até a aprovação mais solene e oficial, através de uma Bula pontifícia em 27 de setembro de 1540 (18), levou perto de um ano inteiro de exames e investigações sobre aquele escrito. Pode-se dizer que este documento, que já tem 450 anos, é a solene confirmação eclesial da fundação da Companhia de Jesus e também, creio eu, de que Inácio de Loyola foi investido e reconhecido oficialmente, fundador da Ordem. Esta minha afirmação, a meu ver, vai ser reconhecida também pelos companheiros mais adiante, quando estes o elegerem primeiro superior geral. Aceita esta função, após muito discernimento, não menos sofrido, no dia 19 de abril de 1541, o grupo

confiou-lhe também o encargo de redigir as Constituições da nova Ordem.

Com muita alegria e consolação espiritual, todos nós jesuítas, passados séculos, também reconhecemos aqui, reforçando o que disse Paulo III "o Espírito de Deus"!

3. O APELO INOVADOR

Serei mais breve nesta última parte. Os dados podem ser colocados mais direta e objetivamente. Pretendo dizer primeiro, uma palavra sobre a origem deste apelo e logo a seguir, apresentar as características inicianas de uma tal inovação. Estará então configurada a imagem de um Inácio fundador, contribuindo com uma face rejuvenescida para Vida Religiosa na Igreja.

3.1. A origem do apelo

Na visão de La Storta, como se viu atrás, Inácio de Loyola, colocado "por Deus Pai com Cristo seu Filho" (19), percebe mais claramente a missão de serviço, nas palavras que na mesma visão, terá ouvido do mesmo Jesus: "Quero que tu nos sirvas" (20). Aquela busca incansável da vontade de Deus, desde sua conversão no castelo de Loyola em 1521 e particularmente depois da experiência fundamental dos dez meses de Exercícios Espirituais na gruta de Manreza, no ano seguinte, teve aqui o seu selo confirmatório. É em Roma, sob a obediência do Romano Pontífice e ariscando passar por todo o tipo de

contradições (21) que ele e seu grupo deverão se dispor ao maior serviço divino.

Essa qualificação de serviço a que o grupo deverá ter sempre como meta, é que polarizará as atividades missionárias da nova Ordem. Consequentemente, este impulso motor "para a maior glória de Deus", vai dar forma ao estilo de vida comunitário destes sacerdotes, já quando se apresentam ao papa Paulo III, com o desejo, agora confirmado, de serem religiosos.

3.2. Características inovadoras

Inácio e companheiros, como já se disse acima, não podiam ter uma visão muito positiva da prática da Vida Religiosa, na época. Por isso mesmo, o grupo de amigos e companheiros demora chegar à conclusão, de que Deus os queria reunidos num Instituto.

Só se determinarão a isso, quando percebem que naquele apelo do "serviço maior", está a garantia e a possibilidade de uma vivência mais radical de seguimento de Jesus Cristo. Isso terá suas características e particularidades próprias, que eu sinto como inovadoras para a época, sintetizadas por Inácio na primeira Fórmula apresentada a Paulo III (22).

Ressalto as seguintes quatro particularidades, a meu ver, mais inovadoras:

— a exclusão do Ofício Divino, rezado e/ou cantado em comum;

— a não escolha de um hábito próprio para se vestir e que distinguiria o religioso jesuíta;

— a supressão de penitências que as Ordens impunham como Regra aos membros;

— o voto de especial obediência ao Santo Padre, como Vigário de Cristo na terra, para todo tipo de missões, até as mais difíceis.

Partindo pois daquele apelo original de um "serviço sempre maior" o nosso fundador intuiu a necessidade de apresentar à Igreja um corpo muito coeso, de bastante mobilidade e disponibilidade para a ação. É isso que inspirará o modelo da Regra de Vida do Jesuíta, bem mais simplificada e prática em vista da agilidade. As comunidades serão menos rígidas, estruturalmente mais adaptadas à vida de intenso apostolado exterior. O Padre De Dalmases, em sua obra, já várias vezes reportada neste artigo, ao apresentar o espírito das Constituições da Companhia de Jesus, ressalta o aspecto da mobilidade, como exigência do tipo da "Missão" própria do Jesuíta (23).

O que liga os Jesuítas entre si, às vezes até mesmo vivendo sozinhos, é a profunda união a Deus pela oração e a união ao corpo da Companhia pela obediência aos superiores. Essa "união de corações" segundo as Constituições definitivas e atuais (24) garantirá sempre a eficácia apostólica do Jesuíta, fazendo dele, segundo o pensamento nuclear dos Exercícios Espirituais,

um "contemplativo na ação". Na autobiografia, a expressão sintética, atribuída a um dos melhores e mais chegados colaboradores do fundador, o Pe. Jerônimo Nadal, tem outra formulação, também muito expressiva: "Encontrar a Deus em todas as coisas" (25).

Seguindo os caminhos do Espírito, o peregrino de Loyola, num determinado momento da vida, percebe-se fundador e primeiro geral da Companhia de Jesus. Partindo desta sua experiência humano-divina e em profunda comunhão com outros companheiros de ideal, chegou a admitir ser fundador de uma Ordem, com a condição de que pudesse ser criativo, apresentando uma maneira nova de viver a utopia do seguimento radical de Jesus Cristo.

CONCLUSÃO

Não sei se o leitor sente que fui fiel ao objetivo inicial. De uma forma ou de outra, creio que terminará esta leitura com uma imagem mais positiva do fundador da Companhia de Jesus. Creio que agora pode-se vê-lo menos militar e mais espiritual: homem aberto à ação de Deus e, por isso mesmo, iluminado e condutor de pessoas para o mesmo Senhor.

Mais do que diante de um estrategista, cioso de garantir o sucesso de um grande empreendimento, largamente arquitetado com a sabedoria e a audácia puramente humana, encontramos diante de um homem simples, afável, contemplativo

e por isso, aberto às graças carismáticas e desejoso de ser fiel às inspirações gratuitamente sentidas. Deseja partilhá-las com outros, reconhecidos por ele como homens também espirituais, em vista do bem e enriquecimento da Igreja. Assim fazendo, sente-se pouco a pouco rodeado de seguidores que, com ele, rejuvenecerão também a face da Vida Religiosa.

Neste ano cinco vezes centenário do nascimento deste homem privilegiado, vamos nós, religiosos de todos os carismas, agradecer a Deus, que, em INÁCIO DE LOYOLA, se mostrou mais criativo, pelo Dom de seu Espírito renovador. Acreditemos que este é o Dom que continua sendo largamente distribuído hoje à Vida Religiosa na Igreja, em perspectiva do amanhã.

NOTAS

(1) Basta se recordar do relato que os historiadores da Igreja traçaram da Cúria Cardinalícia naqueles séculos turvos. Por exemplo, na obra de PASTOR, "História dos Papas", vol. 9 a 14. (2) Este grupo era composto dos seis amigos dos primeiros tempos de Paris (1530-1537), ou seja, Pedro Fabro, Francisco Xavier, Diogo Lainez, Simão Rodrigues, Bobadilla e Salmerón. A estes se juntaram outros três: Cláudio Jaio, Pascácio Broet e João Codure. (3) Participaram como assessores teológicos, a pedido de Paulo III, os Padres Lainez e Salmerón, chegando a Trento na V sessão e permanecendo na aula conciliar até o fim do Concílio. (4) ANDRÉ RAVIER, SJ — "Inácio de Loyola fundador da Companhia de Jesus", Ed. Loyola (1982), pp. 39-46. (5) Compreende-se o aparecimento então dos reformadores e reformadoras, como João da Cruz e Tereza de Ávila, para citar dois grandes, na continuidade da obra não menos reformadora do próprio Inácio. (6) Pode-se ver uma descrição interessante desta situação e como Inácio tentou ajudar três conventos de religiosas, em seu tempo de Barcelona (1524-1526) na obra de CANDIDO DALMASES, SJ, "Inácio de Loyola, fundador da Companhia de Jesus", Livraria Apostolado da Imprensa e Ed. Loyola (1984), pp. 82-83. (7) Esta "Deliberação", apoiada na busca da vontade divina pela oração, reflexão e partilha, deu origem, na futura Companhia de Jesus, a processos e méto-

dos de discernimentos e deliberações comunitárias. (8) Acerca deste trabalho discernitório, existe um relatório, guardado na Cúria Generalícia em Roma. Aliás, há uma tradução dele na revista *Christus*, nº 47, pp. 384-391. Achei bom extrair a parte final da tradução deste discernimento, que elucida e exemplifica bem o processo desta reunião: "Começamos, pois, a dispender de nosso lado todos os nossos esforços e a nos submeter algumas questões que reclamavam um exame atento a uma séria indagação. Pensávamos e refletíamos sobre eles durante o dia: a oração nos era também um meio de pesquisa. À noite, cada um propunha publicamente a solução que ele julgava melhor e mais vantajosa. Queríamos assim adotar todos juntos o parecer mais justo. Resultaria de um debate coletivo e se fundaria sobre as mais válidas razões". (9) Cfr. ICor 12,4-11. (10) Cfr. ICor 13, 1-8. (11) Cfr. Código de Direito Canônico, Can. 573, § 2. (12) É elucidativo ler todo o cânone 578, redigido assim, no Código: "A mente e os objetivos dos fundadores, aprovados pela competente autoridade eclesial, no que se refere à natureza, à finalidade, ao espírito e à índole do Instituto, bem como suas suas tradições, tudo isso contribui ao patrimônio desse Instituto e seja fielmente conservado por todos". (13) Em Gal 5,22, o apóstolo Paulo apresenta o fruto do Espírito, em torno de algumas manifestações, vivenciadas na

prática da vida. O fiel, cheio do Espírito, vive mais alegre e pacificamente; é amoroso, manso e bondoso... (14) Cfr. Cândido de DALMASES, SJ, op. cit., p. 110. (15) Em português, temos a tradução e notas desta Autobiografia (Autob.), realizada pelo Pe. Armando Cardoso, SJ, e editada pela Ed. Loyola. A "visão" de la Storta encontra-se aí, no nº 96. (16) Sobre o encaminhamento desta "eleição" até a decisão, o Pe. Dalmases, SJ, tem um belo resumo. Op. cit., pp. 153 e 154. (17) Ibid., pp. 155 e 156. (18) Trata-se da Bula que tem como título latino: "Regimini militantis Ecclesiae" (Ao regimento da Igreja militante). (19) Cfr. Autob. nº 96. (20) Esta última frase é de uma relação do Pe. Lainez, conservada com outra do Pe.

Nadal, em Fontes Narr. I, 313-314. (21) Estas contradições são relatadas na Autob. nº 98. (22) Cfr. acima, em 2.3., letra e). (24) Estas Constituições, trabalhadas e redigidas pelo próprio Santo Inácio nos últimos anos de sua vida, até hoje regem o modo de viver do Jesuíta. Elas contêm 10 partes, distribuindo os diversos assuntos próprios do Instituto. A "união dos corações" corresponde à sétima parte. (23) Cfr. Op. cit., p. 225. (25) Cfr. Autob. nº 99. Estudiosos mais atuais do nosso santo, usam expressão idêntica: "Em tudo amar e servir". Esta fórmula serve de título à obra de Maria Clara Lucchetti Bingemer, publicação de tese de doutorado, pela Ed. Loyola, 1990. □

Experiência de Deus

*Como Jesus experimentou Deus e no-lo revelou como realmente ele é?
Como Deus lhe aparece em sua vida?*

É importante saber a resposta destas indagações porque é assim como Jesus experimentou Deus que o Religioso precisa experimentá-lo também na própria vida. A experiência de Deus no cristianismo só pode ser uma experiência CRISTÃ, ou seja, a experiência que CRISTO teve de Deus, seu Pai, e no-la revelou. Eis aqui, apenas, uma indicação. *Deus nasce na experiência de Jesus como LIBERTADOR*. Libertação de tudo. Da OPRESSÃO INTERIOR, espiritual, e/ou psicológica, da angústia, do maligno, do ódio, do pecado. Introduzir o homem na comunhão de amor com Deus. E da OPRESSÃO EXTERIOR: do sofrimento, da morte, do luto, da doença e de todas as suas causas: históricas, estruturais, sociais, políticas, econômicas. Deus nasce na experiência de Jesus como libertador de todos os faraós institucionalizados ou de plantão. Desta *experiência de Deus-Libertador*, Jesus sente-se e se entende assim também: salvador, santificador, libertador de tudo o que oprime. Libertação e salvação plenas, ainda não; mas desde já, esperança escatológica em sinais parciais e fragmentários. Condição: fé e adesão à sua pessoa. (Pe. Marcos de Lima, SDB).

ENCÍCLICA SOCIAL

"É inaceitável a afirmação de que a derrocada do denominado 'socialismo real' deixa o capitalismo como único modelo de organização econômica. Torna-se necessário quebrar as barreiras e os monopólios que deixam tantos povos à margem do progresso."

Pe. Martinho Lenz, S.J.

O principal fato novo, analisado pelo Papa João Paulo II na sua encíclica "Centésimo Ano" (Centesimus annus), publicada no dia 2 de maio de 1991, é a derrocada dos regimes socialistas do Leste Europeu em fins de 1989 e começos de 1990. Leão XIII havia criticado os erros da proposta socialista na encíclica "Rerum Novarum", mas não poderia imaginar que cem anos mais tarde sua previsão de ineficácia do Socialismo Marxista se revelaria tão verdadeira.

João Paulo II destaca em sua encíclica — a 9ª do seu Pontificado e a 3ª encíclica social — que a queda dos regimes socialistas se deve a três fatores básicos: a violação dos direitos do trabalho por um regime que pretendia falar em nome dos trabalhadores; a ineficácia do sistema econômico implantado pelo socialismo "como consequência da violação dos direitos humanos à iniciativa, à propriedade e à liberdade no setor da economia" (24); e, mais profundamente,

"o vazio espiritual provocado pelo ateísmo". Esse último erro foi fatal.

A nova encíclica tira também algumas conseqüências das mudanças do Leste Europeu. A primeira é o reencontro entre a Igreja e o movimento operário, após um longo período de estranhamento. Outro é o risco de explodirem ódios e rancores acumulados durante o período da ditadura comunista. "Impõe-se um grande esforço para a reconstrução moral e econômica dos Países que abandonaram o Comunismo" (27), esforço em que eles devem poder contar com a ajuda de outros Países.

Por outro lado, a nova situação não significa a legitimação do capitalismo com suas injustiças e seu materialismo prático. "É inaceitável a afirmação de que a derrocada do denominado 'socialismo real' deixe o capitalismo como único modelo de organização econômica. Torna-se necessário quebrar as barreiras e os monopólios, que deixam

tantos povos à margem do progresso..." (35). É preciso também combater a concentração de riquezas nas mãos de poucas pessoas e lutar contra o ateísmo e o consumismo promovido por esse sistema.

Além deste tema central e novo, a encíclica "Centésimo Ano" retoma e afirma os pontos centrais da Doutrina social da Igreja, mostrando a fecundidade dessa doutrina, alimentada pela "seiva abundante que sobe daquela raiz", a "Rerum Novarum" (1). Na releitura que o Papa fez da encíclica de Leão XIII, ele nos convida a um olhar para trás, ao próprio texto, a um olhar ao redor, às coisas novas que nos circundam hoje, e a um olhar ao futuro, numa antevisão do terceiro milênio da era cristã. Numa afirmação de grande apoio para nós, na América Latina, o Papa vê na defesa dos trabalhadores feita na "Rerum Novarum" uma antecipação do que hoje chamamos "opção preferencial pelos pobres", opção que constitui "uma forma especial de primado na prática da caridade cristã" (11).

A encíclica dedica todo um capítulo (o 4º) à doutrina da Igreja sobre a propriedade e ao destino universal dos bens. O originário destino comum dos bens criados relativiza todas as formas de propriedade privada. Por outro lado, a importância do conhecimento da técnica e do saber apontam para novas formas de propriedade e de acesso a ela. Mostra as vantagens e os limites de uma economia de livre mercado, onde, ao lado da atua-

ção da empresa e do capital, se abre "um fecundo campo de empenho e luta, em nome da justiça, para os sindicatos e outras organizações dos trabalhadores" (35). Nesse capítulo ainda se fala do combate ao consumismo, especialmente da droga e da pornografia, advogando um gigantesco esforço de defesa da ecologia e do ambiente humano, da família e das fontes de vida.

Nos capítulos finais, a encíclica trata do Estado, da Cultura e do homem como caminho da Igreja. Uma afirmação central nesses capítulos é que "a liberdade só é plenamente valorizada pela aceitação da verdade" (46), que leva à luta contra os regimes totalitários e a adoção do ideal democrático, com uma viva atuação e preocupação pelos direitos humanos e com uma regulamentação adequada das funções do Estado.

No plano das relações entre os povos, a encíclica insiste no tema muito atual da necessidade de "instrumentos de solução dos conflitos internacionais alternativos à guerra" (51) e da busca de uma saída justa para a dívida externa dos Países mais pobres. "É justo o princípio de que as dívidas devem ser pagas", escreve o S. Padre, "mas não é lícito pedir ou pretender um pagamento, quando esse levaria de fato a impor opções políticas tais que condenariam à fome e ao desespero populações inteiras" (35).

Por fim a encíclica reafirma a "centralidade do homem dentro da sociedade" e dentro da proposta

social da Igreja (54). Esse homem, artífice de uma nova sociedade, tem uma vocação transcendente, é amado por Deus e chamado a amar os demais, sendo que esse amor, "se concretiza na promoção da justiça" (58). Nesse esforço colaboram cristãos e não cristãos, as grandes religiões do mundo e todos os homens de boa vontade.

A encíclica "Centésimo Ano" tem o duplo mérito de pôr em evidência a fecundidade da doutrina social cristã no caminho aberto pela "Rerum Novarum" e de animar os cristãos a inspirar-se nessa doutrina para aprofundarem seu compromisso na transformação do mundo segundo os critérios da verdade, colaborando na construção de uma sociedade mais justa "ou, pelo menos, a colocar barreiras e limites à injustiça" (3).

Pensamentos do Papa

1. *As Nações Unidas ainda não conseguiram construir instrumentos eficazes alternativos à guerra, na solução dos conflitos internacionais, e este parece ser o problema mais urgente que a comunidade internacional tem para resolver.*

2. *É inaceitável a afirmação de que a derrocada do denominado*

"socialismo real", deixe o capitalismo como o único modelo de organização econômica.

3. *Desejo, agora, propor uma releitura da encíclica leonina, convidando a olhar para trás (...) para descobrir de novo a riqueza dos princípios fundamentais nela formulados sobre a solução da questão operária.*

4. *O marxismo tinha prometido desenraizar do coração do homem a necessidade de Deus, mas os resultados demonstram que não é possível consegui-lo sem desordenar o coração.*

5. *O direito a possuir as coisas necessárias para o desenvolvimento pessoal e da família (...) deve ser novamente afirmado, quer perante as mudanças, de que hoje somos testemunhas, verificadas nos sistemas onde imperava a propriedade coletiva de produção, quer diante dos crescentes fenômenos de pobreza, ou mais exatamente, diante das privações da propriedade privada.*

6. *Convido também a olharmos para o futuro, quando já se entrevê o 3º milênio da era cristã, carregado de incógnitas, mas também de promessas...* □

É sempre bom recordar

A Igreja é o lugar, de fato, que o próprio Cristo quis para o encontrar (RM, nº 47). Ela é o caminho normal de salvação e só ela possui em plenitude os meios de salvação, *Redemptoris Missio*, nº 55.



Rua Alcindo Guanabara, 24 — 4º andar / Cinelândia / Tel.: (021) 240-7299
20031 Rio de Janeiro, RJ

Prezado Assinante:

Rio de Janeiro, RJ
1 de outubro de 1991

No dia 2 de maio de 1991, **João Paulo II** publicou sua nona encíclica denominada **Centesimus Annus** que se traduz Centésimo Ano ou Ano Centenário. O Papa afirma expressamente que é seu desejo pôr em evidência a validade dos princípios enunciados na *Rerum Novarum* de Leão XIII e "analisar alguns acontecimentos da história recente". João Paulo II se refere sobretudo aos países da Europa central e oriental. Leão XIII previu, a priori, com surpreendente clarividência, os males funestos do socialismo estreante. João Paulo II fala, a posteriori, das tragédias, de fato, causadas pelo sistema socialista onde quer que ele tenha sido introduzido.

O **erro fundamental** do socialismo é de caráter antropológico. O homem é apenas uma molécula do organismo social, subordinado ao funcionamento do mecanismo sócio-econômico, incapaz do exercício da liberdade e, portanto, também de decisões morais. Daí **as crises do regime** e, agora, a derrocada do comunismo devida, segundo **Centesimus Annus**, à violação dos direitos do trabalho, à ineficácia de seu sistema econômico e ao vazio espiritual provocado pelo ateísmo.

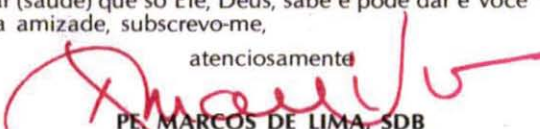
Violação dos direitos do trabalho. O trabalho é a vocação universal para todas as pessoas. É ele que distingue o homem do resto das criaturas. Pelo trabalho o homem se associa à força criadora de Deus. Mas na história do trabalho humano penetrou o pecado, a ganância do lucro e a acumulação iníqua. É ilegítima toda ideologia — marxista ou capitalista — que pretenda falar em nome do trabalhador, quando este se faz ou seu escravo, ou mero instrumento de produção e sua força, mercadoria que se vende. A cegueira ideológica não considera a **característica inseparável da condição humana, a liberdade**, com que nenhuma revolução vai acabar. O que o homem sempre reivindicará e o soviético hoje de forma delirante manifesta nas ruas é não ser robô, ou seja, o direito de raciocinar pela própria cabeça. Pela supressão da liberdade e pela privação do estímulo ao talento e à habilidade, jamais se chegará à utopia da igualdade e do homem novo.

Ineficácia do sistema econômico. Corolário da violação do direito à liberdade, à iniciativa, à propriedade. Guenadi Guerassimov, ex-porta-voz do Ministério das Relações Exteriores e hoje Embaixador em Portugal, afirma: "na opinião do povo, o comunismo é isso: uma enorme fila todos os dias para alimentar a própria família". A partir de 1985, Gorbachev surpreendeu o mundo ao exibir corajosamente a falência, a fraqueza interior, o terrível malogro histórico do comunismo soviético e do marxismo-leninismo, ao desativar e desmontar, a partir do topo, a máquina imensa — policial, militar e diplomática — que escondia o malogro e sustentava a opressão na URSS, no Leste europeu e em terras distantes: Abissínia, Angola, Cuba, Moçambique. Se as revoluções podem, por vezes, ser inexoráveis e servir, de fato, ao progresso dos povos, é ilusão querer que se transformem em processo permanente. **Revolução só perdura como farsa.** A revolução russa só se manteve à custa de indizíveis sacrifícios da população, silenciada e tangida como gado pela KGB e por outras instituições sinistras do establishment soviético. Assistimos agora ao enterro de uma quimera que apodreceu durante sete décadas. Sacrificando milhões de vidas. Calando. Perseguindo. Deportando. Condenando. Eliminando.

Vazio espiritual provocado pelo ateísmo. Deus é a Raiz que secretamente vivifica o homem. É o Sol que subliminarmente o aquece e ilumina. Ninguém tem autonomia diante deste Absoluto. **Antes de mais NADA e acima de TUDO: Deus.** Sem Deus, o homem entra em crise. Torna-se infeliz. Sem bússula, fica perplexo e à deriva. Ultrapassando infinitamente a si mesmo, o homem não se satisfaz com menos do que Deus. **Um pouco menos do que Deus é demais.** Sofrerá o vazio da própria existência. Mais do que a coragem de afirmar, é preciso ter a coragem de reconhecer. Não humilha. Antes, engrandece. Fazem parte do homem o desejo, a nostalgia, a esperança e a expectativa de que, tendo partido, chegará a Deus. É um anúncio verbal e um estado de ânimo que o encarna. A nova democracia russa passou pela primeira prova de fogo: o golpe de 18 de agosto e seu espetacular malogro. Os desafios são imensos, complexos e quase intratáveis. Que o Senhor ilumine o povo russo.

DEUS, que é sempre **PAI**, lhe dê aquela **PAZ** que é plenitude de bens (materiais), plenitude de bênçãos (espirituais) e plenitude de bem-estar (saúde) que só Ele, Deus, sabe e pode dar e Você tanto merece. Com renovada estima e fraterna amizade, subscrevo-me,

atenciosamente


PE MARCOS DE LIMA, SDB
Redator-Responsável/Convergência